



Dignidade Humana
Inerente a **cada**
Ser Humano



Preâmbulo

“Um Só Corpo” faz parte da Nordic-FOCCISA cooperation sobre VIH e SIDA. Este material é o resultado de um diálogo estreito e de colaboração entre as pessoas que vivem com VIH e SIDA e as pessoas de Igrejas na África Austral e países nórdicos.

A cooperação entre as Igrejas nas duas regiões baseia-se em dois aspetos fundamentais: em primeiro lugar, a nossa crença de que fomos todos criados à imagem de Deus, cada um de nós. Em segundo lugar, a Igreja tem a responsabilidade de abordar e combater o estigma relacionado com o VIH e a SIDA.

Ubuntu é uma palavra de muitas tradições africanas. A expressão alude a aspetos como preocupação, graça e dignidade, e os africanos geralmente dizem que “Eu vivo porque tu vives” e que “Eu não sou eu sem ti, sem companhia”. Desta forma, ubuntu é uma palavra que expressa algo importante sobre a forma africana de compreensão da vida como uma relação. Pela forma como nos relacionamos uns com os outros, criamos as vidas uns dos outros, e pela forma como vamos ao encontro dos outros podemos expandir ou reduzir as vidas uns dos outros. Trata-se do oposto de uma compreensão que encara a vida em termos mais individuais. A teologia cristã tem muito a dizer sobre o facto de precisarmos uns dos outros. Na primeira observação da criação por Deus, Deus disse: “Não é bom que o homem ou a mulher estejam sós” (Gênesis 2:18).

Somos lembrados da mesma realidade na história dos dois discípulos que vão para Emáus após a Páscoa. Tinham perdido um amigo querido, a vida era difícil e, de repente, um estranho junta-se à sua conversa. Nesse momento, os dois discípulos vivenciaram aq-

uilho de que precisamos frequentemente: que alguém esteja disposto a ouvir-nos quando contamos a nossa história, sem interrupções, com paciência, sem dizer que há outras pessoas que se sentem pior.

Quando vivemos períodos na nossa vida em que os dias são difíceis, e não conseguimos ver o sol ou sentir felicidade, temos alguém disposto a ouvir? Temos Jesus, mas esta história também nos incita a sermos seres humanos companheiros uns dos outros, que na realidade são capazes de se entrelaçar nos dias difíceis das nossas vidas. Isto corresponde ao título da nossa cooperação: Um Só Corpo.

A Igreja é um só corpo: “Embora sejamos muitos, somos um só corpo em união com Cristo, e todos estamos unidos uns com os outros como partes diferentes de um só corpo” (Romanos 5:8).

Como copresidentes do Grupo Principal Um Só Corpo, gostaríamos de expressar a nossa gratidão a todos aqueles que participaram na criação deste material, e recomendamos que seja utilizado para estudo e reflexão em todas as nossas Igrejas.

**“Embora
sejamos mui-
tos, somos
um só corpo
em união
com Cristo,
e todos esta-
mos unidos
uns com os
outros como
partes difer-
entes de um
só corpo”**

Romanos 5:8

Osborne Joda-Mbewe
Copresidente,
Grupo Principal Um Só Corpo
Maláui

Knut Refsdal
Copresidente,
Grupo Principal Um Só Corpo
Noruega



Com vista à **igualdade** de género, **incluindo** jovens e superando o abuso

Ao longo dos séculos, a voz de Jesus sobre valor igual e respeito igual tanto pelos homens como pelas mulheres teve eco por muitas pessoas na Igreja; por vezes com mais e outras com menos intensidade. Por vezes foram ouvidas e deram-lhes atenção, outras vezes não foram ouvidas de modo nenhum ou foram silenciadas.

Durante os anos 60, quando o mundo se insurgiu contra a violação da dignidade humana chamada apartheid, os países nórdicos e os países da África Austral optaram por colaborar com muitos outros ativistas na sociedade, para fazerem face a este flagelo.

Nos anos 80, a Associação de Conselhos Cristãos na África Austral e o Conselho Ecueménico Nórdico formaram a Nordic-FOCCISA Cooperation. A cooperação teve início em 1988.

Quando o apartheid foi abandonado com êxito e foi restaurada a dignidade concedida por Deus de milhões de habitantes da África Austral de todas as raças, a Cooperação abarcou novas áreas em que a dignidade humana estava a ser violada. Desta vez, as atenções focaram-se no VIH. As comunidades de fé e as sociedades, tanto na África Austral como nos países nórdicos, lutavam com o medo, preconceito e exclusão. Conhecimentos científicos

mais aprofundados na área do VIH não levaram necessariamente a uma maior aceitação social das pessoas que viviam e estavam afetadas pelo VIH. Pelo contrário, muitas eram excluídas, afastadas, chamadas abertamente de pecadoras e mesmo mortas. O estigma e a discriminação estavam na ordem do dia. Neste ambiente, a Nordic-FOCCISA Cooperation procurou reexaminar aquilo que a nossa fé comum diz sobre o VIH. A iniciativa partiu de uma reunião em Morogoro, Tanzânia, em 2003, na qual participaram os secretários-gerais e representantes dos Conselhos Cristãos na região nórdica e a Associação de Conselhos Cristãos na África Austral. A reunião visava ajudar as comunidades de fé a restaurarem a dignidade das pessoas afetadas e infetadas pelo VIH. Deste processo nasceu um projeto que foi designado mais tarde de “Um Só Corpo”. O projeto desenvolveu materiais de leitura volume 1 e volume 2, que abordavam o estigma e discriminação em relação às pessoas infetadas e afetadas pelo VIH e SIDA. O material abrange as histórias de vida real de vítimas e visa demonstrar os efeitos devastadores do vírus do VIH. O material reafirma também o valor intrínseco de cada ser humano e ajuda as comunidades de fé a reafirmarem as suas



funções diaconais e a abandonarem a linguagem e ações discriminatórias.

Nesta publicação, o tema da dignidade humana continua a ser explorado em relação ao gênero, juventude e abusos. Isto foi feito com a consciência de que há ainda muitas lacunas na resposta das Igrejas ao VIH.

Através de histórias pessoais de muitos dos países participantes, através de estudos bíblicos selecionados, e através de questões a serem consideradas e debatidas, esperamos que este material seja útil nos passos seguintes que é necessário tomar para um sentido reforçado da dignidade humana e igualdade de gênero.

O material foi desenvolvido através de muitos diálogos nos países envolvidos, tanto no Sul como no Norte. Além disso, foram realizadas várias reuniões em várias regiões, com vista a apresentar o resultado em forma de um diálogo.

Diálogo como instrumento de reflexão

Na Nordic - FOCCISA cooperation, a concentração na dignidade humana revelou uma série de problemas delicados. É imperativo enfrentá-los de forma direta se as pessoas pretendem ser verdadeiras umas com as outras e em relação à sua fé. Mas enfrentar os problemas exige, antes de tudo, reconhecermo-nos uns aos outros como criaturas à imagem de Deus e como herdeiros plenos da dignidade humana. Esta abertura entre as pessoas, baseada em ouvir e partilhar, constitui a base do diálogo.

O diálogo nunca deve ser usado ou visto como uma forma disfarçada de compromisso ou uma traição de valores culturais ou outros. A função do diálogo é, em grande parte, a reve- ➔

→ lação dos problemas e a compreensão dos pontos de vista uns dos outros. Ao refletir sobre os temas da dignidade humana, gênero, juventude e abuso, deve poder concordar-se ou discordar-se, sem se perder o respeito mútuo.

O diálogo expressa o facto importante de que a cooperação tem lugar entre pessoas e não entre sistemas. É necessário conhecer o sistema social e cultural específico a que uma pessoa pertence, mas não é justo julgar as pessoas de acordo com o sistema a que pertencem.

O diálogo é uma troca de pensamentos interessantes sobre o tema acordado, associada

individual, familiar, religioso, comunitário, nacional, regional, continental e internacional. No projeto Um Só Corpo experimentámos todos estes níveis, direta e indiretamente.

No diálogo respeitamos os pontos de vista dos outros, fazendo com que seja possível compreender-se temas existenciais de pontos de vista diferentes e em contextos diferentes. É mais fácil ouvir os outros quando aceitamos que cada ser humano tem uma dignidade humana inerente. A abertura de espírito e o respeito são os alicerces da cooperação entre as pessoas. O diálogo transmite ideias de amizade enraizadas na igualdade.

O diálogo implica uma vontade de ouvirmos os pontos de vista dos outros com um espírito aberto.

a uma atitude de franqueza e respeito pelos outros. O diálogo verdadeiro exige uma franqueza radical e respeito pelos outros como pedras basilares da dádiva inerente de dignidade humana.

Um diálogo desse tipo coloca sempre os homens e mulheres, todos os seres humanos a um nível de igualdade, independentemente de classe e gênero.

O processo de diálogo

O diálogo tem a ver com o desenvolvimento da reflexão ou troca de pontos de vista, que dão origem a uma nova compreensão dos factos. É um método bem preparado e organizado. A cooperação entre os participantes fornece a sua dinâmica interior.

No nosso contexto, o diálogo é uma atividade de que se centra na dignidade humana. Nele exploramos crenças, tradições culturais e práticas partilhadas, peculiaridades e diferenças no seio das nossas comunidades a níveis diferentes.

Há muitos níveis diferentes de diálogo:

Diálogo na Bíblia

Na Bíblia, é concedida às pessoas a oportunidade de participarem num diálogo sobre as suas insatisfações, dúvidas e medos. Assim, muitos textos na Bíblia revelam como a fé facilita o diálogo com Deus, com Jesus, e com as outras pessoas, para além de fronteiras étnicas,

entre homens e mulheres e entre gerações. Estes encontros abrem caminho a mudanças nas atitudes e crenças. A Cristandade pode ser vista como uma comunidade de diálogo entre Deus e a humanidade. O diálogo é um convite aberto a pensarmos em conjunto sobre os problemas nas nossas sociedades na presença de Cristo.

O diálogo implica uma vontade de ouvirmos os pontos de vista dos outros com um espírito aberto. Tal coloca-nos o desafio de sermos um só como o corpo de Cristo, embora os nossos pontos de vista sejam divergentes. Esta unicidade, na qual podemos ver a nossa unidade em Cristo apesar das nossas diferenças e ser responsáveis uns pelos outros, é central para o significado da palavra africana Ubuntu, um conceito que encontramos também em 1 Coríntios 15. Esperamos que o diálogo possa prosseguir num espírito de parceria.

Criação de um espaço seguro

As condições de um diálogo bem sucedido são que todos devem ser sérios, ter respeito,

mostrar delicadeza, estar dispostos a aprender, estar prontos para mudar e para aceitar críticas, e não pressionar os outros.

Ao longo dos anos, o diálogo aberto sobre muitos assuntos tornou-se mais fácil, em especial nos países nórdicos. São assuntos relacionados com a violência baseada no género, igualdade de género, abuso sexual e o abuso de minorias sexuais. Para algumas pessoas em África, tal é visto como uma forma disfarçada de compromisso ou uma traição de valores culturais e bíblicos. Por outro lado, a falta de diálogo e respeito mútuo relativamente a estes assuntos criou um espaço para forças destrutivas. Todos têm o dever de não desistirem de tentar o diálogo com estas diferentes perspetivas sobre questões de dignidade humana e direitos humanos.

É vulgarmente aceite que o diálogo é um instrumento de reflexão e deve procurar identificar desafios e chegar a acordo sobre uma ação concreta. O objetivo do diálogo deve ser criar confiança no sentido de melhorar a co-operação e utilizar a riqueza e diversidade espirituais e culturais.

O diálogo deve ter lugar com o devido respeito por pontos de vista diferentes e conter uma disponibilidade para aprendermos uns com os outros. Relativamente a problemas no

seio das sociedades, o objetivo último do diálogo deve ser ter uma mente aberta que pense de forma original.

Oito pontos orientadores para o diálogo:

1. Criar um espaço seguro, em que ninguém seja perseguido ou silenciado devido às suas opiniões.
2. Garantir confidencialidade. O que é dito entre paredes permanece aí.
3. Respeitar a dignidade humana de cada participante no diálogo e considerá-la essencial.
4. Ouvir atentamente tudo o que é dito, e não nos centrarmos naquilo que gostaríamos de dizer.
5. Dar a mesma atenção, espaço e respeito aos homens e mulheres, às raparigas e rapazes.
6. O diálogo não é “convencermos” os outros do nosso ponto de vista, mas ajudarmo-nos uns aos outros a atingirmos novos níveis de compreensão.
7. Não esquecer e lembrar que, desde o primeiro dia da Cristandade, a fé foi traduzida de formas diferentes em culturas diferentes.
8. Aderir ao slogan: Nada relativo a nós sem nós.



Quais são as suas experiências pessoais de diálogo?

as mulheres foram tratados de forma igual?

Quais são as qualidades de um diálogo real?

Quais são os obstáculos para se estar em diálogo “real”?

Como podemos superar as diferenças e criar um “espaço seguro”?

De que forma reconhecemos o cerne da dignidade humana em todos os participantes no diálogo?

Como vê a diferença entre diálogo e debate?

Quais são as condições prévias para um “espaço seguro”?

Como é que o diálogo nos pode ajudar a avançar?

Na sua experiência de diálogo até ao presente, os homens e

O Conceito De **Dignidade Humana**

A dignidade humana não se adquire, mas é inerente a cada ser humano. A dignidade humana é o valor intrínseco de se ser humano concedido por Deus - independentemente da classe, raça, género, aptidão, nacionalidade, cultura, sexo, religião, educação, orientação sexual ou qualquer outro tipo de divisão.

Embora haja muitas pessoas a viverem em situações em que a dignidade humana lhes foi recusada, devemos lembrar-nos que, embora o cerne da dignidade humana possa ser abusado, mesmo atacado, nunca pode ser retirado.

Para as instituições religiosas, o conceito de dignidade humana baseia-se na crença de que todos os seres humanos - homens, mulheres, raparigas e rapazes - foram criados à

imagem de Deus e têm uma posição única no mundo de Deus, com as mesmas responsabilidades e tarefas.

O conceito do valor intrínseco de cada ser humano é desenvolvido mais profundamente no Evangelho, refletido nas histórias de Jesus e na forma como Ele se dirigiu a homens e mulheres. Por Ele, somos considerados amigos íntimos, como irmãos e irmãs de Cristo. O estigma, a discriminação ou a condenação da dignidade humana não faziam parte da linguagem de Jesus. Somos Um Só Corpo, unidos no espírito do amor e compaixão.

No mundo atual, a noção de dignidade humana é geralmente associada ao estatuto social e económico de uma pessoa. Uma pes-

soa com um nível de educação mais elevado é vista como tendo uma dignidade mais elevada, enquanto que uma pessoa pobre é vista como quase não tendo dignidade.

Nalgumas sociedades africanas, considera-se que os rapazes têm mais valor que as raparigas. As raparigas são educadas com a noção de que nasceram com um valor inferior, de que nasceram para servir os rapazes e homens. Em certas sociedades, apenas os homens podem ascender à posição de líderes da comunidade, chefes ou reis. Na política, vemos também graves injustiças, dado que os homens dentro das mesmas famílias e círculos tendem a ocupar as posições mais elevadas, enquanto que as mulheres são completamente excluídas.

Idealmente, a dignidade humana não tem nada a ver com género, estatuto ou posição social, mas na realidade estes fatores influenciam a forma como nos vemos uns aos outros e como vemos as outras pessoas. Muitos debatem-se com o seu sentido de dignidade e muitas vezes desvalorizam-se a si próprios. A autoimagem das pessoas influencia a forma como veem o mundo e a relação em que se encontram. Menosprezar-se a si próprio pode levar ao menosprezo dos outros. Jesus diz-nos para amarmos os outros como a nós próprios. Contudo, muitas pessoas acham que humilhar-se a si próprio é uma virtude cristã. Isto acontece sobretudo com as mulheres. Tal pode levar à ideia de que a dignidade humana não é inerente, mas tem de ser “adquirida”.

É importante que cada homem e mulher, rapaz e rapariga, independentemente da sua idade e classe, sejam respeitados e tratados com dignidade, sejam protegidos e tenham um acesso igual a tudo que é necessário na vida diária. Poder participar completamente na sociedade, em termos de igualdade com os outros, é a base para reforçar e promover a dignidade humana. A este

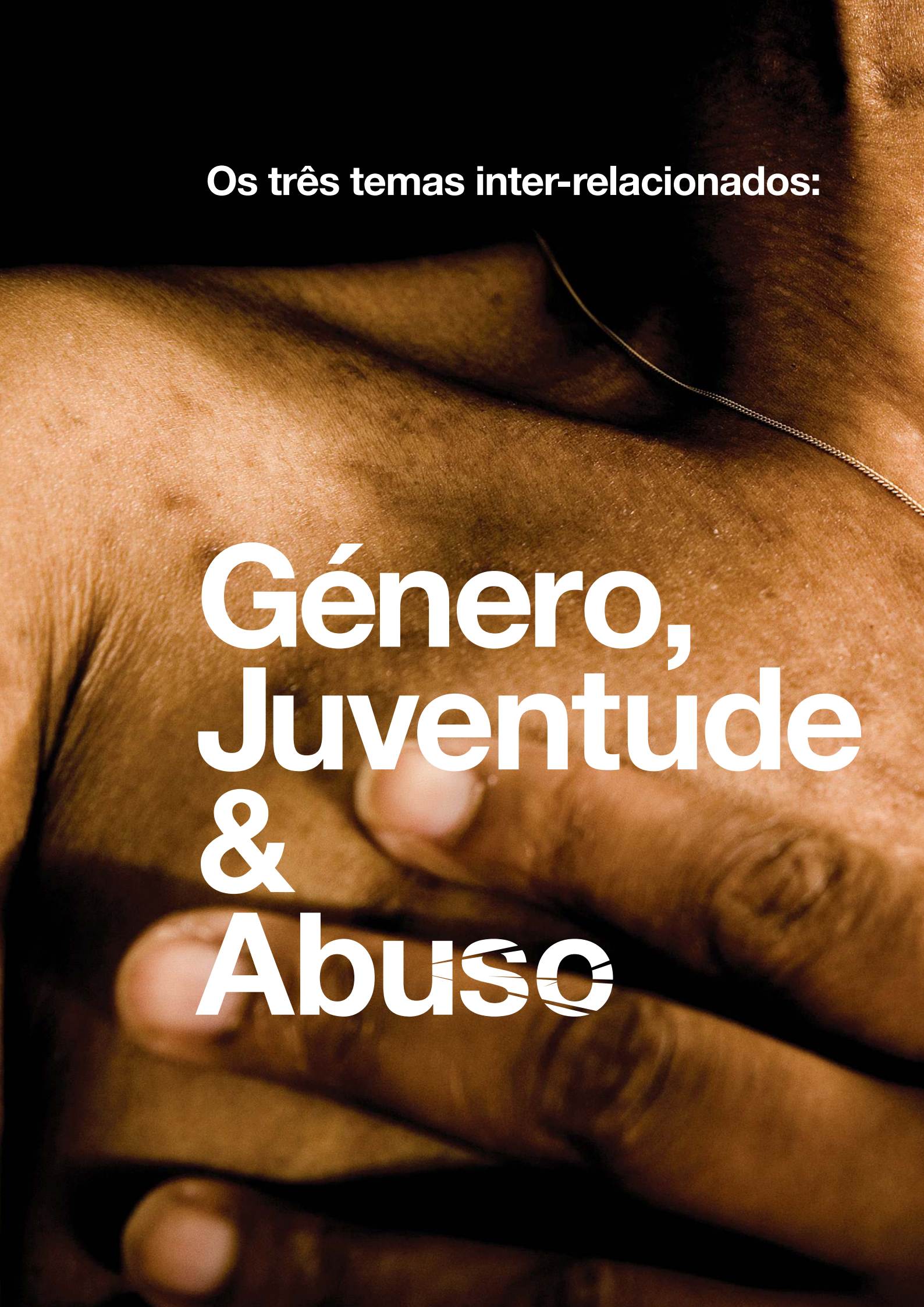
respeito, a dignidade humana e os direitos humanos são palavras com o mesmo teor e significado.

As pessoas muitas vezes têm de “pensar de forma original” para perceberem o que é realmente a dignidade humana – em todo o seu alcance e profundidade. As suas perspetivas culturais têm de ser desafiadas.

Para tal, é importante trabalhar em conjunto, para além de fronteiras culturais e nacionais. Ao sermos só um no corpo de Cristo, “aprendemos uns com os outros”. Neste material, exploramos o conceito de dignidade humana. São levantadas questões a partilhar e estas são abordadas no diálogo.

Para compreendermos totalmente o conceito de dignidade humana, temos também de explorar a forma como esta é abusada nalgumas sociedades. Ao olharmos para o “lado obscuro” podemos ver a luz como contraste. Temos de nos perguntar: Como seria se fosse criada uma sociedade que respeitasse a dignidade humana? De que forma as pessoas podem lutar contra qualquer tipo de abuso ou maus-tratos? Como podem ultrapassar as divisões na sua sociedade, quer devidas à raça, classe, género, orientação sexual, idade ou outros fatores?

Por Ele, somos considerados amigos íntimos, como irmãos e irmãs de Cristo.

A close-up photograph of a person's skin, showing a zipper pull and the texture of the fabric. The lighting is warm and focused, creating a sense of intimacy and texture. The zipper pull is visible on the right side, and the skin is the primary focus of the image.

Os três temas inter-relacionados:

Género, Juventude & Abuso



A palavra *género* é utilizada para descrever as características, papéis e responsabilidades de homens e mulheres, rapazes e raparigas em culturas e épocas diferentes. O conceito de género relaciona-se com a forma como se espera que pensemos e ajamos como homens e mulheres - não devido às nossas diferenças biológicas, mas devido à forma como as nossas sociedades e culturas se organizam e desenvolvem. As percepções de género mudam com o tempo e em diferentes culturas.

Géne

A palavra género é, assim, um termo construído socialmente e que é utilizado para descrever a forma como diferentes sociedades definem os papéis dos homens e mulheres e a relação entre si numa dada altura.

A maioria destes papéis e relações resultam de tradições e práticas culturais. É importante compreender que a cultura e tradições estão em contínua mudança e que cada geração tem de abordar os problemas nas suas culturas que são, ou podem ser, contraditórias com o valor intrínseco de cada ser humano. No entanto, os papéis de género masculino têm mudado muito mais que os papéis de género feminino.

A palavra sexo relaciona-se com as características biológicas e com as diferenças fisiológicas entre homens e mulheres. Por exemplo: as mulheres podem dar à luz filhos e amamentá-los, coisas que os homens não podem fazer. No entanto, têm um papel igual, conjuntamente com as mulheres, na procriação. Estas características biológicas não alteram com a época e lugar.

Abusos ou violações relacionados com o género¹ estão generalizados e observam-se em todos os países e culturas, tanto dentro como

fora das Igrejas, sociedade e família. Estão geralmente firmados no valor desigual atribuído aos homens e mulheres, infelizmente também expresso a partir do púlpito.

Análise de género

Por vezes é bom fazer aquilo que designamos por análise de género de uma comunidade, uma Igreja ou uma sociedade. Uma análise de género analisa as relações entre homens e mulheres, os seus papéis, o seu acesso a e controlo dos recursos e os constrangimentos que enfrentam relativamente uns aos outros.

Algumas das questões que se podem colocar são: Quem participa, quem decide; que tipo de trabalho fazem os homens e mulheres, os rapazes e raparigas e de que forma isso se integra nas questões da dignidade humana? Como é que os homens e as mulheres são representados nos sermões, nas doutrinas da Igreja e na forma como a Igreja se encontra estruturada? Trata-se de questões importantes a debater abertamente e num quadro de diálogo.

Tanto os homens como as mulheres têm pontos fortes e fracos, aptidões e recursos, que são necessários tanto na Igreja como na sociedade. Se os homens e mulheres não cooperarem e tiverem em conta mutuamente os seus direitos, valores e recursos, não haverá justiça, igualdade nem desenvolvimento para nenhum dos sexos. Os pontos fortes e os recursos de uma pessoa não devem ser atribuídos de acordo com o género. Não está de acordo com os valores de dignidade humana dizer: “Uma vez que é mulher, não tem a capacidade de pensar de forma coerente e decidir o que está certo”. E não se deve dizer: “Uma vez que é homem, não pode mostrar qualquer tipo de dor”.

Na forma como usamos a linguagem, devemos dar valor pleno a todos os seres humanos, independentemente do seu estatuto ou posição social, na forma como nos referimos a eles. Em muitas sociedades, as mulheres são muitas vezes apenas valorizadas se forem casadas e derem à luz (de preferência um rapaz). Nalgumas organizações religiosas femininas, as mulheres solteiras ou mães solteiras não podem ser membros. Como Cristãos, é-nos pedido para darmos valor igual a cada ser humano, independente-

mente da idade, género, raça, classe ou outras diferenças.

Muitas pessoas parecem comparar a história da criação com a história da queda, e transformam os resultados da queda na vontade e intenção de Deus. Os teólogos culpam Eva ao longo dos tempos por ter comido a maçã e ter, assim, trazido o pecado ao mundo. O patriarcado como valor cultural e como instituição, é visto como uma forma de castigo por este “pecado original”. Como cristãos, somos chamados a lidar com os resultados da queda. Ninguém deve criar estruturas de poder que possam ser usadas para oprimir e diminuir o valor de qualquer ser humano, em especial se tal for apenas aplicado a um dos sexos. Se não impedirmos que tal aconteça, as mulheres podem ser confinadas a relações de submissão, impedidas de expressar a sua vontade e usufruir dos seus direitos. De facto, a maior parte da violência é dirigida às mulheres, pelo simples facto de serem mulheres. É o que se pode chamar de pecado patriarcal.

Quando se menciona o género, as pessoas geralmente falam de mulheres e relacionam isso com abusos – em especial abusos sexuais e violência baseada no género. Tal pode dar a impressão de que as mulheres são sempre su-

jeitas a abuso e vítimas do mesmo, e são criaturas vulneráveis, que necessitam sempre de proteção. Essa forma de pensar leva a uma desvalorização das mulheres e dos seus recursos e pontos fortes, e ao mesmo tempo também desvaloriza os homens. Os homens são retratados como pessoas com poder, que exercem sobretudo esse poder na forma de violência contra as mulheres. Ao mesmo tempo, este tipo de linguagem “justifica” que seja concedido aos homens o poder de tomarem decisões sobre as mulheres. É muito importante ter cuidado como se usa a linguagem – para se garantir que a língua é sensível ao género, descrevendo os valores, pontos fortes e recursos de cada ser humano. Em si mesmos, os homens e mulheres não são vulneráveis, têm vulnerabilidades, e isso aplica-se a ambos os sexos.

[1] A nível estatístico, 94% da violência baseada no género é praticada contra as mulheres.

ero



De que forma descreveria os papéis de género feminino e masculino no seu contexto?

Que tradições e práticas culturais promovem ou destroem a igualdade entre homens e mulheres?

Partilhe histórias sobre discriminação associada a género do seu próprio ambiente cultural.

Dê exemplos da forma como os homens e mulheres, na sua opinião, são tratados de forma diferente.

Acha que tal afeta a forma como se veem a si próprios no que diz respeito a valor humano e dignidade humana?

O que pode ser feito para mudar os pontos de vista tradicionais relativos a papéis de géneros?

O que é um pecado patriarcal? De que forma nos opomos aos pecados patriarcais?

A Bíblia pode constituir para nós uma ajuda no nosso diálogo sobre assuntos de género? Em caso afirmativo, de que forma?

De que forma restauramos a dignidade humana nas nossas relações de género?

Histórias de Abusos de Género



Quais são as questões sobre dignidade humana nesta história?

De que forma esta história desafia o nosso ponto de vista sobre masculinidade?

O que podemos aprender sobre as relações de género e poder nesta história?

Quem deveria ter comunicado este abuso à polícia?

O que é que a sua comunidade de fé faz a respeito da violência baseada no género?

Quais são as opções para esta mulher?

Quais seriam as reações para com esta mulher por parte da sua família, comunidade ou Igreja se ela deixasse o marido?

Qual é a responsabilidade do estado?

De que forma as mensagens nos sermões desafiam a nossa compreensão de género ou apoiam percepções opressivas de género?

De que forma as comunidades de fé devem intervir?

Qual é o papel da comunidade de fé nessas situações?

Que tipo de estruturas preventivas ou de resposta a comunidade de fé pode criar?

De que forma esta história o afeta?

Chikondi – O filho abençoado Uma história do Malawi

A violência de género é comum no meu país. Tem lugar de uma forma e com uma magnitude alarmantes... No entanto, o governo tomou medidas para minimizar a incidência desta violência. Há muitas histórias de abusos de género; a minha história é apenas mais uma.

Há quatro anos, eu e o meu marido casámos. O meu marido andava pelos trinta anos e eu tinha vinte e seis anos. Vivemos felizes no primeiro ano e fomos abençoados com uma bebé, à qual demos o nome de Chikondi, que significava que havia amor entre nós.

Mais tarde, o meu marido começou a mostrar o seu carácter verdadeiro e, sempre que eu perguntava alguma coisa, ele batia-me, dizendo-me todo o tipo de coisas - não tinha poder para o questionar.

Um dia, quando chegou a casa depois de beber a sua cerveja, o meu marido descobriu que eu me tinha fechado à chave em casa, pois estava farta que me batesse. Começou a gritar e derrubou a porta, e começou a bater-me com uma vara grande. A minha avó veio em meu socorro e ele também lhe bateu até ela ficar inconsciente. Ele foi-se embora e ninguém sabe exatamente qual o seu paradeiro até ao momento.

As más notícias são que ninguém, nem mesmo o chefe da aldeia, comunicou o assunto à polícia.





Sonhos desfeitos

Uma história da Namíbia

Nunca pensei ser uma ‘segunda mulher.’ Cresci com o sonho de ser apresentadora de televisão. Era a fina flor da minha família, e os meus irmãos olhavam para mim com respeito. Sou uma comunicadora nata, cheia de carisma. Conseguia captar e manter a atenção de uma multidão. No entanto, não cumpria os critérios para me qualificar para estudos sobre media na Universidade. Embora a minha família me tenha pedido para repetir o 12º ano, não arranjei coragem para tal. A minha imagem pública estava em jogo. Afinal todos tinham esperado muito de mim.

Entretanto, tive dois filhos de dois homens diferentes. Com 22 anos, casei-me com um homem 25 anos mais velho que eu, sendo a sua segunda esposa, embora a minha família cristã não tenha apoiado ou aprovado o meu casamento. O meu marido era abusivo; no entanto não o podia deixar, não podia viver sem ele, dado que era ele que me sustentava. Embora não acreditasse na poligamia, devido às minhas crenças cristãs, a minha realidade tinha

reduzido a cinzas as minhas crenças. E tive de partilhar tudo com a primeira mulher e fazer o que ela dizia, a mim e aos meus filhos.

Tudo isto porque tinha encontrado um homem que estava preparado para viver comigo e tomar conta de mim e oferecer-me segurança financeira. Senti que tinha um rendimento financeiro formal. Mas todos os dias acordava para a realidade, e o meu sonho era diferente. Aparentemente cometi um erro, mas optei por continuar no erro, uma vez que a alternativa era humilhante. Receava as reações ‘Nós bem te dissemos’. Desta forma, reforcei a minha resolução e continuei na relação abusiva, dado que, para mim, era melhor que regressar a casa e enfrentar a humilhação. Estava presa como um degrau partido nas escadas do meu destino.

O meu marido era abusivo; no entanto não o podia deixar, não podia viver sem ele, dado que era ele que me sustentava.



Que formas diferentes de abuso e vulnerabilidade vemos nesta história?

Como é que acha que esta mulher se vê a si mesma?

Ficar com um marido abusivo apenas para poder pagar as faturas é outra forma de trabalho sexual?

Quais são as implicações de género para as mulheres no quadro da poligamia?

Ter mais que uma mulher é um sinal de masculinidade?

De que forma é que esta história o afeta?

Na sua opinião, isto tem algo a ver com dignidade humana?

Se for homem, o que diria uma mulher e vice-versa?

De que forma é que o orgulho nos pode tornar vulneráveis?

Como é que pensa que as comunidades de fé poderiam intervir ou apoiar em situações deste tipo?

O testemunho de Olívia

Uma história do Zimbabué

O meu nome é Olívia. Tenho 52 anos e tenho 3 filhos e 3 netos. Nasci numa família de seis pessoas e os meus pais eram ex-professores. Sou uma vítima da Violência Baseada no Género e tudo começou quando casei em 1982. Não podia ter filhos e o meu marido abusava de mim verbal e fisicamente. Queria deixá-lo mas os mais velhos diziam-me para ficar com ele por causa da nossa cultura, e isto aconteceu 4 meses após o casamento. O meu marido maltratava-me e chegou mesmo a engravidar uma aluna. Isto deu satisfação aos familiares, mas piorou ainda mais a minha situação, uma vez que ele se tornou mais violento. A família dele concluiu, então, que eu não podia ter filhos, e divorciamo-nos.

Quando me divorciei, encontrei outro homem que me tratou muito bem e eu apaixonei-me. Ele disse-me que também era divorciado,

e pagou o dote de casamento (lobola), aos meus pais. Tudo o que queria dessa vez era ser amada e ter filhos, e engravidei do meu primeiro filho. Ele ficou muito entusiasmado, porque era a sua filha primogénita. Foi então que descobri que ele tinha vários filhos de várias mulheres, e fiquei surpreendida. Engravidei de novo do segundo filho dele e, entretanto, ele engravidou também outra mulher. O meu marido passou a vir a casa de forma errática, e tornou-se violento; perguntando-me por que razão não lhe perguntava onde tinha estado. Concluiu que eu tinha outro homem. Decidi não lhe perguntar, uma vez que os abusos pioravam. Lutei para educar os meus filhos, embora fosse difícil. Começou por pedir para ter um terceiro filho comigo; eu recusei e ele quase me matou, mas obtive uma ordem de proteção da polícia. Fiquei tão stressada e finalmente engravidei, na esperança de que a situação mudasse, mas só piorou.

Ele começou a ter mais mulheres e essas mulheres tinham os seus parceiros sexuais, o que me assustava. Fui fazer um teste ao VIH e descobri que era seropositiva para o VIH.

Confrontei-o com esse facto e incitei-o a efetuar também um teste, o que ele recusou fazer, até que, numa dada altura, ficou doente e descobriu que era seropositivo para o VIH. Apoiei-o e ajudei-o a tomar os medicamentos, e agora está bem e quer ser um membro da família.

Ele começou a ter mais mulheres e essas mulheres tinham os seus parceiros sexuais.



Quais são as diferentes formas de abuso que pode ver nesta história?

Porque se tende a atribuir a culpa às mulheres que são abusadas?

De que forma ter ou não ter filhos pode afetar o valor atri-

buído a uma pessoa na nossa sociedade?

A Olívia deveria ter deixado o segundo marido? O que é que a Olívia teve no segundo casamento?

De que forma o VIH afetou esta família?

Quando se deve denunciar o abuso? E a que entidade?

De que forma as comunidades de fé poderiam responder à violência baseada no género?

Ele devia partir em viagem

Uma história da Suécia

Hoje falo sem dificuldade do David. Isso é bom. Levou-me muitos anos a superar o luto. O David era tudo para mim. Encontrámo-nos no metro e entrámos imediatamente em contacto. Eu tinha 21 anos e ele 23. Após sairmos do metro, ele seguiu-me até uma loja, em que parei para ver CDs. Olhei-o pelo canto do olho e vi que ele se dirigia a mim, pedindo-me o meu número de telefone. Disse-lhe que era nova em Estocolmo e que não estava disposta a dar o meu número de telefone a ninguém, mas pedi-lhe o dele. Nesse dia, mais tarde, telefonei-lhe e falámos durante horas. No domingo seguinte encontrámo-nos e permanecemos inseparáveis até ele morrer.

Durante muito tempo, o David não me contou sobre a sua infecção pelo VIH. De início, pensei que ele era tímido ou puritano, determinando cuidadosamente as suas fronteiras e definindo os seus limites. Existe algum homem de 23 anos que esteja apaixonado e não se interesse por sexo? Finalmente disse-me que foi infetado pelo VIH através de injeções, quando vivia no estrangeiro com os pais. Tinha tanto medo que o deixasse e agora chorava e tinha vergonha do medo e hesitação em contar-me.

Eu disse claramente que precisava de todas as informações possíveis e, em conjunto, contactámos o hospital. A minha mãe disse que faria tudo para nos apoiar, mas no hospital disseram-me para deixar o David. “Você não está infetada. Por isso porque é que não o deixa e procura outro homem?” Essa atitude deu-me ainda mais determinação em ficar com ele.

Protegíamo-nos com cuidado quando tínhamos sexo, usando sempre um preservativo. Mas um dia o preservativo rompeu. Pouco tempo depois fiquei com uma infecção grave. Isso aconteceu mesmo antes da nossa primeira longa viagem em conjunto. Íamos à Turquia, realizando um sonho nosso. Mesmo antes da partida, fiquei muito doente. O médico disse que era provavelmente herpes e não tomei o medicamento que me tinha sido receitado, dado que tinha a certeza que tinha outro problema.



O que achou bonito nesta história?

O que achou triste?

O que é abuso em relação ao VIH?

Vê sinais de estigma nesta história?

Tem conhecimento de ocorrências em que os serviços médicos abusaram das pessoas devido ao VIH?

De que forma devemos reagir?

O parceiro do David é mulher ou homem? Isso importa?

O que é que isto nos diz sobre os papéis de género?

De que forma as comunidades de fé devem responder às pessoas com VIH e àqueles que lhes estão próximos?

A nossa viagem foi maravilhosa. Após o nosso regresso, fui fazer um teste do VIH. Quando recebi a resposta, o David estava tão desesperado que a minha própria reação foi um pouco fora do comum. Pouco tempo depois, o David ficou muito doente e morreu, passados dez meses. Nos seus últimos meses, fiquei cada vez mais doente e, durante algum tempo, estivemos os dois no hospital. Eu conseguia caminhar com o meu poste de infusão portátil e visitá-lo no seu quarto. Ia à cidade e recolhia informações de agências de viagem e sentávamo-nos os dois na sua cama a ler e planear viagens. Na realidade, ele estava às portas da morte.

Por que razão ele tinha de me bater? Uma história do Zimbabué

Chamo-me Doroteia. Engravidei logo após acabar a escola e fugi de casa com o Pedro, o pai do meu filho, que aceitou a responsabilidade e me alojou em sua casa. Casámo-nos mas não foi pago dote de casamento. Estávamos desempregados e o Pedro decidiu ir procurar emprego na capital, deixando-me em casa a tomar conta dos nossos três filhos.

Recentemente, o Pedro ficou desempregado durante dois anos. A vida para ele na cidade não era fácil e não me pôde visitar, a mim e aos nossos filhos, durante dois anos. Havia poucos alojamentos na cidade, e o Pedro acabou a coabitar com uma viúva rica. Chegaram-me rumores à aldeia sobre a infidelidade do meu marido, o que me levou a procurar meios de o visitar para verificar se era verdade.

Pedi algum dinheiro emprestado para o bilhete de autocarro a um jovem pastor que habitava nas redondezas e fui visitar o meu marido. Quando cheguei à capital, encontrei o meu marido e as minhas suspeitas confirmaram-se:

tinha realmente uma relação com essa mulher rica. O meu coração ficou despedaçado, devido à infidelidade do meu marido. Regressei à aldeia e disse tudo aos pais do Pedro. Coloquei os meus pertences numa mala e fui para casa dos meus pais. Na casa dos meus pais, fui incitada a regressar ao lar conjugal e esperar pelo Pedro, o meu marido, uma vez que a nossa cultura não me permitia ter outro homem. Dei ouvidos aos meus pais e regressei à casa do meu marido.

Começaram a circular rumores na aldeia de que eu tinha um caso amoroso com o pastor a quem tinha pedido emprestado o dinheiro para o bilhete de autocarro. O Pedro ouviu os mexericos e isto fez com que viesse depressa a casa para verificar se era verdade. Desde a altura em que o meu marido regressou a casa, a nossa relação era abusiva. O Pedro começou a pedir para ter sexo não protegido comigo. Eu recusei e insisti que fizéssemos um teste do VIH antes de termos sexo. No entanto, o Pedro recusou-se a fazer o teste. Acusou-me de infidelidade e começou a abusar de mim fisicamente com os punhos, com chicotes e botas. Fugi de casa e denunciei o caso à polícia, que me aconselhou a pedir uma ordem de proteção contra o Pedro.



De que forma a cultura do dote de casamento afeta a dignidade humana?

No seu ponto de vista, a Doroteia foi abusada?

De que forma definiria abuso neste caso?

Quais são as práticas culturais no seu meio relativas a infidelidade? Por parte de um homem? Por parte de uma mulher?

Se a Doroteia tivesse um caso amoroso com o pastor,

o Pedro teria justificação para as suas ações?

Uma mulher pode recusar-se a ter sexo com o marido? Um homem pode recusar-se a ter sexo com a esposa? Há alguma diferença?

De que forma a pobreza aumenta a nossa vulnerabilidade relativamente ao VIH?

A Doroteia deveria divorciar-se do Pedro? Porquê?

De que forma a comunidade de fé deve reagir?

Quem é realmente a comunidade de fé? O pastor protestante? A congregação? Os mais velhos? Todos?

Que aspectos nesta história são para ações comuns e que aspectos são para aconselhamento?

Vê perigos de que uma comunidade de fé possa assumir um papel de juiz sobre o pecado? De que forma abordaria esse aspeto?



O cerne do

Um artigo da **Zâmbia**

O meio sociocultural na Zâmbia relega geralmente as mulheres para o papel de subordinadas aos homens, fazendo-as vivenciar exclusão e marginalização. Esta é uma situação evidenciada pelo facto de terem menos voz, menos autonomia e menos oportunidades de efetuarem escolhas sobre as suas vidas e uma autoestima reduzida.

As mulheres têm controlo e acesso limitados aos recursos produtivos em comparação com os homens. Apesar das mulheres fazerem mais de 50 por cento da população, são invisíveis na tomada de decisões a todos os níveis, desde os lares até ao nível macro mais elevado da sociedade e tanto nas esferas não religiosas como religiosas.

As mulheres são geralmente sujeitas a violência e abuso, falta de oportunidades de emprego, e más opções de educação. Sofrem

tanto pelas interpretações de doutrinas e não contextualização de passagens bíblicas como, consequentemente, pela prática.

As atitudes religiosas, tradicionais e políticas constituíram uma barreira à proteção dos direitos das mulheres. Por essa razão, a Zâmbia vivenciou desequilíbrios de género, violência baseada no género e desigualdades.

Outro desafio é a pobreza flagrante no país, que tem como resultado que sejam negadas às mulheres e jovens as oportunidades e escolhas que lhes permitiriam ter vidas realizadas, saudáveis e longas. Além disso, é-lhes negada dignidade e autoestima e eles são excluídos dos processos de tomada de decisões.

Apesar das declarações pomposas do governo sobre desenvolvimento do país, não se deve presumir que o crescimento e desenvolvimento económicos irão automaticamente beneficiar os homens e

mulheres de forma igual, uma vez que o perfil das mulheres e dos homens no quadro de uma economia tende a ser diferentes em termos da posição que estes ocupam e atividades que levam a cabo. O desenvolvimento não pode ter lugar e o impacto não pode ser sustentado se as pessoas afetadas não os apoiarem

através de uma mudança de atitudes e práticas no sentido da promoção da igualdade e equidade de género, através da procura de textos religiosos, análise de costumes/tradições e estereótipos negativos.

Por outro lado, a socialização cultural tornou os homens também vulneráveis ao

As mulheres têm controlo e acesso limitados aos recursos produtivos em comparação com os homens.

o fardo do abandono e exclusão e têm falta de mecanismos de apoio para reivindicarem os seus direitos e realizarem o seu potencial. Por conseguinte, as mulheres são muito afetadas pelo VIH, SIDA e pobreza. As organizações e comunidades religiosas não são excluídas desta situação e, nalguns casos, tal é reforçado

problema

abuso, tanto em casa como na comunidade. Devido às elevadas expectativas da sociedade relativamente a um homem ser forte em todas as situações, estes não tiveram espaço para darem livre curso às suas frustrações e preocupações. Tal resultou em que muitos homens abusassem das esposas e filhos, como escape para o seu stress. Na cultura da Zâmbia, um homem forte é aquele que tem mais que uma parceira sexual, o que expõe o homem a contrair infeções sexualmente transmitidas ou recorrer ao uso de misturas tradicionais, que acabam por obstar à saúde e bem-estar desse indivíduo. A autoestima dos homens é também afetada se estes não puderem sustentar a família, mesmo que a esposa tenha um rendimento mais elevado e possa sustentar melhor a família. A sociedade olha com desprezo para o homem e, por

vezes, as famílias pedem a dissolução desse casamento, desumanizando o homem.

A injustiça desumaniza a vida e impede a participação plena na co-humanidade. A justiça é, assim, vista simplesmente como ‘aquilo de que as pessoas precisam para serem humanas’ e, deste modo: “deixar a justiça correr como as águas, e a integridade como o ribeiro impetuoso” (Amos 5:24).

Por outro lado, a socialização cultural tornou os homens também vulneráveis ao abuso, tanto em casa como na comunidade.



Reconhece esta descrição no seu próprio contexto?

Como é a situação no seu país?

Quais são as tradições e práticas culturais que promovem/degradam a dignidade humana dos homens e mulheres no seu país/meio? (deixe os homens e mulheres falarem por si próprios).

Que papel pode ter a Igreja na defesa da mudança?

Que papel pode desempenhar como agente de mudança? Dê mais detalhes!



Estudos Bíblicos



“À semelhança de Deus, foram criados, homem e mulher, Deus criou-os”

Genesis 1:26–28, 5: 1–2

Criados à imagem de Deus

A história da criação é familiar a todos os cristãos. Um dos desafios nesta história é que, nalgumas traduções, a linguagem usada não é neutra ao gênero. No original é neutra ao gênero, e ambas as passagens referidas neste estudo bíblico insistem que “à semelhança de Deus, foram criados, homem e mulher, Deus criou-os”. Neste estudo bíblico procuramos compreender como é que a linguagem pode influenciar as nossas atitudes perante os homens e mulheres.

A versão da Bíblia que está a ler é neutra ao gênero? (refere “o Homem” ou “a humanidade”)

O que diz sobre a relação entre homens e mulheres?

Se tanto os homens como as mulheres são criados à imagem de Deus, o que é que isto nos diz sobre Deus?

De que forma estes textos podem influenciar os nossos pontos de vista sobre aspetos relacionados com gênero?

Dê exemplos de como a Bíblia pode ser usada para abusar as mulheres – e os homens?

Dê exemplos de tradições e práticas nocivas para homens e mulheres que considera que destroem a imagem de Deus nos homens e mulheres. A sua Igreja apoia essas tradições?

Dê exemplos de como algumas práticas foram alteradas para práticas positivas, dando valor igual aos homens e mulheres.

Genesis 16: 1–16

Hagar e Sara

Na altura em que este incidente tem lugar, havia papéis de gênero muito específicos, segundo os quais as pessoas viviam. Esperava-se que as mulheres pudessem ter filhos, e mais especificamente rapazes. Uma mulher que não pudesse dar à luz era considerada inútil. Ter um filho era como ter um fundo de previdência; significava segurança na velhice. Vemos aqui que a igualdade da criação já foi posta em causa.

Porque é que Sara humilha Hagar?

Onde encontramos falta

de dignidade humana nestas histórias?

O que é que o Anjo do Senhor diz a Hagar?

De que forma isso influencia a sua identidade?

Hagar tem consciência

da sua dignidade humana ou a sua vergonha esconde-a dela?

De que forma o autorrepeito de Sara é restaurado?

De que forma as atitudes relativas a gênero refletidas nesta passagem se comparam com as atitudes relativas a gênero do local onde vive?

Gálatas 3:26–29

Somos todos um em Cristo

Crê-se que S. Paulo fundou as igrejas na Galácia, e que depois de ter ido embora, um grupo de pessoas apareceu a pregar que acreditar em Jesus Cristo não é suficiente; tem também de observar-se a Lei de Moisés. No capítulo três, S. Paulo tenta mostrar que o batismo em Cristo e a fé em Cristo é o que nos torna herdeiros de Deus. Mas o que S. Paulo ensina é ainda mais radical, porque vai mais longe até mostrar que entre aqueles de nós que são herdeiros de Deus não há hierarquia, todos são iguais: aqueles que observam a lei mosaica e aqueles que não o fazem, aqueles que têm liberdade terrena e aqueles que são propriedade dos outros; sim, mesmo os homens e mulheres são iguais.

De que forma somos justificados pela fé, de acordo com este texto?

De que forma isto influencia a nossa dignidade humana?

O que é que este texto diz sobre género e igualdade?

Que implicações isto tem nas nossas vidas diárias, nas nossas comunidades de fé ou na nossa vida em comum como homens e mulheres?

Em que se traduziria a igualdade completa na sua comunidade, se fosse realmente vivida?



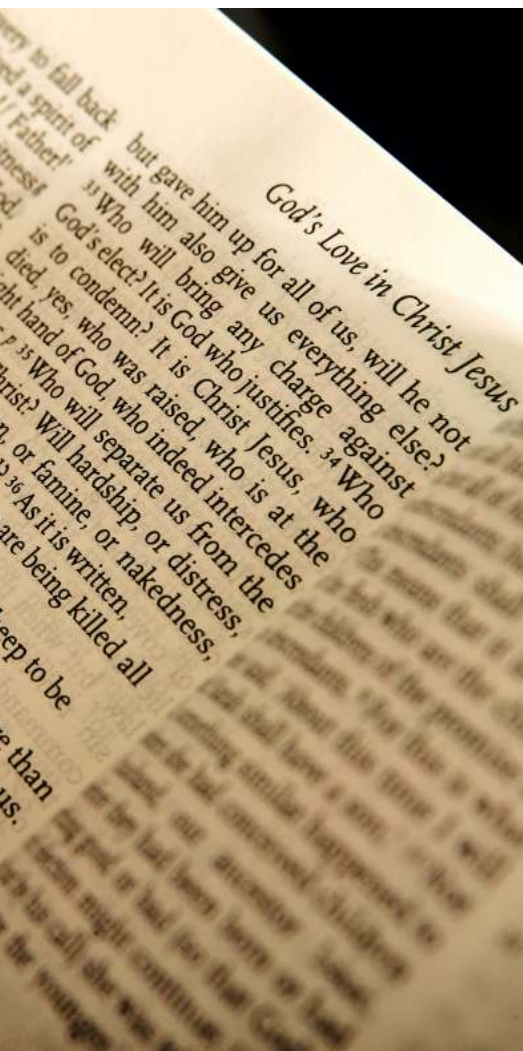
João 4:1–42

Jesus encontra a mulher junto ao poço

Quando lemos a descrição de Jesus a falar com a Samaritana, nem sempre temos consciência de como este acontecimento é notável. Jesus entra livremente em contacto com uma mulher que é considerada sua inferior, dado que é uma Samaritana. É considerada um ser impuro, não digna de lhe dar água. A mulher torna-se então evangelista na sua cidade, conduzindo as pessoas até Jesus. Jesus concorda ficar dois dias num local onde nenhum judeu com amor-próprio ficaria um só dia. Encontramos aqui muitos níveis diferentes de aceitação e de desafio às normas sociais.

O que é que esta história nos diz sobre liderança no seu sentido bíblico?

De que forma um pastor ou um líder religioso se deve relacionar com os homens e mulheres que são considerados menos válidos que outros na paróquia?



Lucas 8: 43–48

A mulher hemorrágica

Esta descrição pode ser familiar a todos nós, mas há nela dinâmicas de género muito interessantes. Sabemos que as leis de pureza judaicas determinam que não se pode tocar numa mulher menstruada. De qualquer modo, o fluxo menstrual (visto como vida) torna-a impura. Esta mulher está a sangrar, e, assim, por definição, se Jesus a tocar, torna-se ritualmente impuro. Mas Jesus, sabendo que tinha sido tocado, vai ter com ela não para a pôr em causa, mas para a beijar - de forma deliberada e pública, embora ela lhe diga que esteve a sangrar.

Como é que se sentiria se tivesse sido considerado impuro durante 12 anos?

Esta mulher toma a iniciativa de procurar cura. Como é que podemos incentivar as pessoas a procurarem o contacto com os outros, sem medo de serem rejeitadas? De que tipo de cura estamos a falar?

Como é que a mulher é curada?

Que tipo de relações ela tem com Jesus?

Podemos comparar esta história com a história de uma pessoa seropositiva para o VIH? De que forma?

Pode dar exemplos da forma como você ou os outros na sua comunidade podem estigmatizar as pessoas?

Como é que a forma pública como Jesus beija esta mulher, apesar dos tabus culturais e religiosos associados a ela, põe em causa a Igreja relativamente à igualdade de género?

Como é que cada um de nós se deve relacionar com os outros?

Como é que lidamos com aspetos éticos em relação a homens e mulheres? Os homens e mulheres submetem-se aos mesmos padrões éticos?

Às mulheres foi dado valor igual em Cristo. O que podemos fazer para alterar as desigualdades na nossa vida diária, nas nossas famílias e nas nossas comunidades?

Jesus parece conferir igualdade e perdão de forma muito fácil a esta mulher.

O que fazemos relativamente a pessoas que são olhadas com desprezo?

O que podemos aprender nas nossas estruturas paroquiais com esta história?

A close-up photograph of a person's skin, showing a tattoo. The tattoo is a dark, intricate design, possibly a tribal or abstract pattern, located on the upper arm or shoulder. The skin is dark brown and has a textured appearance. The lighting is warm and focused on the tattoo area, creating a sense of depth and highlighting the details of the ink.

Incluir os Jovens



Os jovens encontram-se num processo de desenvolvimento da sua identidade, sendo frequentemente flexíveis, tolerantes, criativos, rápidos a adaptar-se. Muitos jovens ainda dependem dos seus pais ou de outros adultos e muitas vezes não estão numa posição de decidirem tudo por si mesmos. Encontram-se num processo de aprendizagem, questionando as ideias e as perspectivas dos seus parentes mais próximos, cultura e sociedade. Há enormes diferenças entre mulheres jovens e homens jovens.

Por todo o mundo, as vozes dos jovens não são normalmente ouvidas. Uma vez que os jovens são muitas vezes os agentes que lideram

Os J

Confundir vulnerabilidade com pecado pode facilmente fazer com que os jovens sejam marginalizados na Igreja e na comunidade.

as mudanças numa sociedade, homens e mulheres jovens devem, a uma maior escala, ser encorajados a participar e a liderar debates e a dar voz às suas necessidades e ideias em todos os contextos relevantes para eles. Os jovens são pessoas independentes e com valor e deviam ser estimados e incluídos como seres humanos por inteiro e como contribuintes criativos e expeditos.

Mulheres jovens e homens jovens são frequentemente tratados de forma diferente, são-lhes dadas oportunidades diferentes e são valorizados de modo diferente. É importante que todos os jovens, independentemente do seu sexo e situação social, sejam considerados seres humanos iguais, cheios de recursos, potencial e energia. Cabe às gerações mais velhas alimentar os jovens de forma a que estes desenvolvam o seu potencial de crescimento como seres humanos, reconhecendo a sua inerente dignidade humana, uma fonte de vida concedida por Deus. A Igreja tem uma

enorme responsabilidade em reconhecer e ter isto em conta.

Quando os homens e as mulheres jovens não são reconhecidos como sendo contribuintes valiosos na Igreja e na sociedade, eles são frequentemente deixados a lutar na sua vida

diária. Ao mesmo tempo, dão por si a ter de enfrentar perspectivas de empregos precários e insegurança financeira. Isto coloca as suas possibilidades de estabelecer relações pessoais estáveis em risco.

A nossa primeira relação próxima ou íntima desenvolve-se normalmente quando somos jovens adultos. Os relacionamentos são uma bênção e Deus criou-nos para vivermos em companhia. Mas estas mesmas relações tornam-nos vulneráveis. Arriscamo-nos a ser rejeitados ou até mesmo abusados. A experiência de rejeição e negligência pode ser potencialmente muito dura e até talvez destruir a nossa autoestima.

A vulnerabilidade, pecado e vergonha estão muito próximos. Na falta de um meio de subsistência, um jovem pode envolver-se em atividades destrutivas, tais como drogas, violência ou crime. A vulnerabilidade pode causar isolamento e afastamento, tornando os estigmas mais fortes e impedindo o jovem

ovens

de aceitar conselhos e orientação. A incerteza e a inexperiência podem levar uma jovem ou um jovem a praticar sexo sem proteção, expondo-se, a si e aos outros, ao perigo.

Os jovens, mulheres e homens, dão por si num processo de desenvolvimento crucial. É muito importante que aprendam sobre a sexualidade e identidade sexual cedo nas suas vidas. É importante que a Igreja encare o desafio de criar um ambiente seguro no qual os jovens possam discernir e debater o desenvolvimento da sua sexualidade. Como podemos criar um espaço seguro no qual a sexualidade possa ser debatida?

Confundir vulnerabilidade com pecado pode facilmente fazer com que os jovens sejam marginalizados na Igreja e na comunidade. Embora muitos jovens sejam sexualmente ativos, a Igreja e as gerações mais velhas acham que é difícil falar abertamente, com sinceridade e realisticamente sobre a sexualidade. Quando tais questões são marginalizadas, os jovens são deixados sem orientação, fazendo com que a exposição ao risco seja maior. Em vez de desempenhar o papel do “porteiro”, a Igreja devia confirmar os recursos dos jovens, reconhecendo as enormes qualidades e a criatividade desenvolvida pelos jovens como parte da sua identidade. Essencialmente, as mulheres e homens jovens devem ser tratados com respeito pela sua inerente dignidade humana e ser-lhes concedido valor e direitos iguais.



Como pode o conceito de dignidade humana mudar ou ampliar o nosso pensamento sobre os homens e mulheres jovens?

Que tipo de abusos e ameaças à dignidade humana são especialmente válidos em relação aos jovens?

Discuta sobre a forma como isto é visto na prática na sociedade, na Igreja e nas famílias. Dê exemplos relativos tanto a mulheres como a homens jovens.

Reflita sobre os diferentes desafios para mulheres e homens jovens em relação ao VIH e à SIDA.

Mencione e discuta sobre outros grandes desafios que os homens e mulheres jovens enfrentam hoje. Partilhe histórias que exemplifiquem estes desafios.

Pode dar exemplos da Bíblia de como os jovens fazem a diferença?

Que valores podem transformar positivamente os desafios que as mulheres e os homens jovens enfrentam hoje em dia?

Histórias de Mulheres e Homens Jovens

Encontro na rua Uma história do Lesoto

Certa noite, depois do trabalho, vi um rapaz sentado silenciosamente debaixo de uma ponte, aquecendo-se junto a uma fogueira. Dirigi-me a ele e falei com ele. Contou-me que viera dos arredores. Os pais tinham morrido há já algum tempo e, em resultado disso, a sua escolaridade e educação tinham sofrido sérias consequências.

Ali, ele tinha um sentimento de pertença e sentia-se em casa.



Como é que o rapaz acabou por sua conta, sozinho na cidade?

O que deveria ser feito para dar a este rapaz uma vida melhor?

Como é que esta história o afeta?

Que tipo de riscos enfrentam as raparigas e os rapazes quando as estruturas sociais entram em colapso? Como é que a pobreza afeta a sua comunidade? Seja específico para cada género.

Que papel deveria o Estado desempenhar?

Quem podemos responsabilizar?

A sua comunidade de fé está empenhada em chegar até aos jovens que vivem na rua?

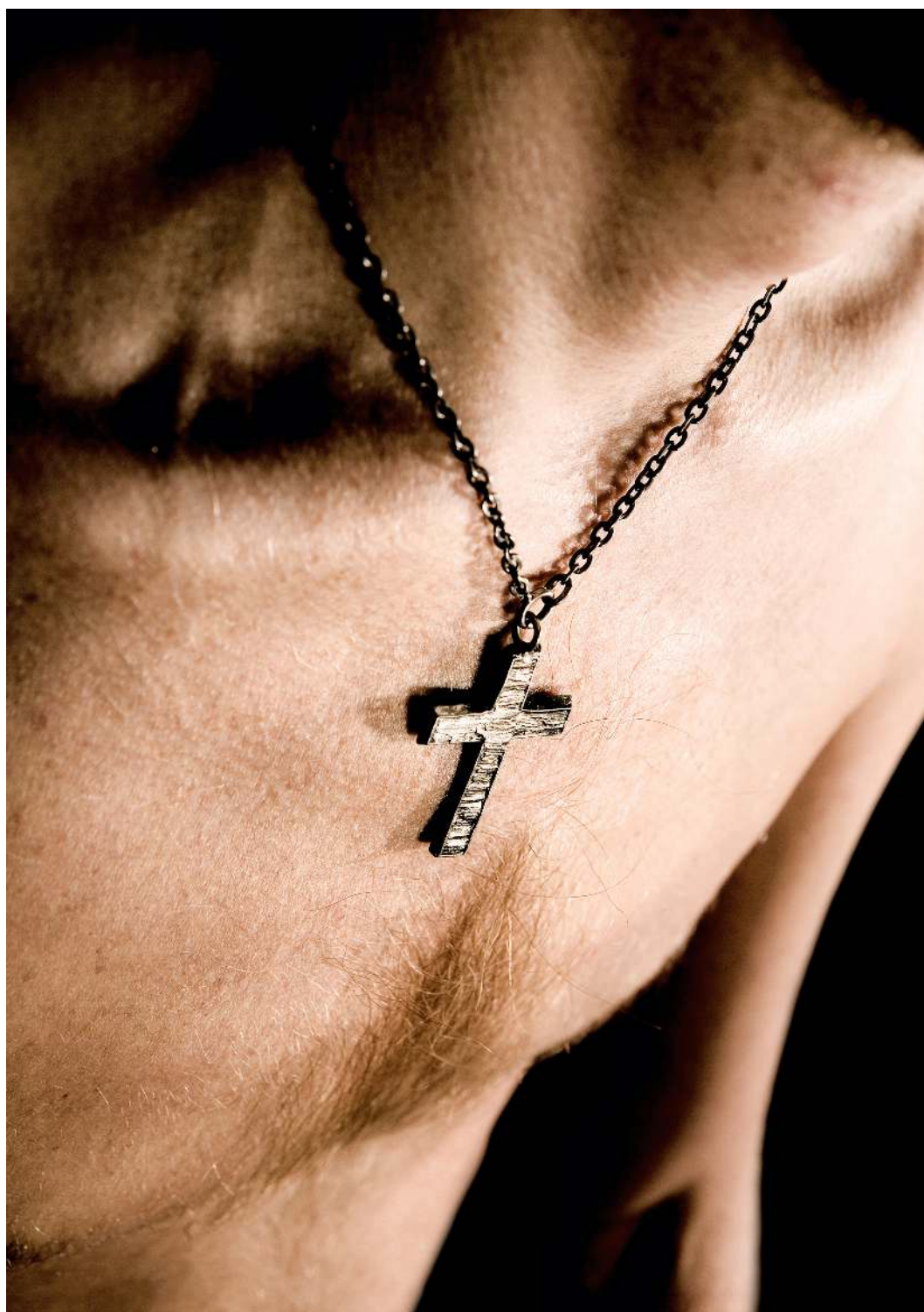
De que formas devem as comunidades de fé responder?

Na altura em que os pais tinham morrido, ele frequentava o 5.º ano. Felizmente, a irmã da sua mãe viera em seu socorro e levou-o para morar com ela.

Infelizmente, ao fim de algum tempo, a tia partiu para a África do Sul, à procura de trabalho e nunca mais voltou. Ele não tinha agora ninguém que cuidasse dele, por isso deixou a casa da tia e veio para as ruas da cidade, na esperança de encontrar uma vida melhor.

Juntou-se a miúdos da mesma idade nas ruas, indicando aos condutores lugares para estacionar na via pública. Eles também lavavam carros para ganhar dinheiro para sobreviver. Ali, ele tinha um sentimento de pertença e sentia-se em casa, por isso nunca regressara à sua aldeia.

Nas ruas sofrera frio, fome, traumatismos e bullying por parte de rapazes mais velhos, que lhe tiravam à força o dinheiro e a comida que ele juntara por indicar lugares de estacionamento e lavá-los. Para comer, ele ia até ao restaurante mais próximo com os seus amigos, onde o dono do restaurante, que era estrangeiro, lhes dava de comer e cuidava deles. Ele referiu que estava disposto a voltar a casa e estudar mais, mas o problema era que não havia ninguém para tomar conta dele e ajudá-lo. Ele enfatizou que agora não se sentia confortável com o tipo de vida que estava a levar, temia pela sua vida, mas não havia nada que pudesse fazer para além de ficar nas ruas.





A mulher dava-me drogas Uma história do Zimbabué

A aldeia onde eu vivia com os meus avós era de uma miséria extrema. Tinha apenas quatro anos e já tinha de andar cerca de 3 km desde a casa da minha avó até ao poço e carregar com água de volta para casa. A minha avó era muito idosa.

A minha mãe morreu quando eu tinha apenas nove meses. Entretanto, o meu pai casou com outra mulher, por isso decidiu levar-me para ficar com a minha madrasta. Era muito difícil para mim. A minha madrasta obrigava-me a trabalhar muito em casa. O meu pai conduzia camiões e passava longos períodos longe de casa. A minha madrasta não me autorizava a ir à escola. O meu pai só estava em casa durante as férias, normalmente apenas uma semana ou menos.

A minha madrasta tinha outros filhos: um mais velho do que eu e os outros todos eram mais novos do que eu. Estas crianças iam à escola enquanto eu tinha de fazer o trabalho doméstico. Quando tinha doze anos, decidi fugir de casa e ir para a cidade mais próxima. Fui apanhada por uma mulher que me vendeu em troca de relações sexuais com homens, à noite. Fui violada repetidamente, mas não consigo lembrar-me de tudo porque a mulher deu-me drogas para não resistir.

Passado algum tempo, começaram a correr boatos na vizinhança de que eu me tinha perdido e que o meu pai andava à minha procura. Quando a minha dona soube que o meu pai andava à minha procura, fui despida, violada e deixada inconsciente e quase morta na estrada.

As outras crianças, quando se dirigiam para casa, vindas da escola, viram-me. Foram rapidamente a casa informar a minha madrasta da situação. A minha madrasta foi-me buscar e a seguir bateu-me, piorando as feridas que eu já tinha. A minha madrasta decidiu levar-me para casa dos familiares do meu pai, inventando uma história de que eu me tornara prostituta e que ela já não podia tomar conta de mim. Por esta altura, eu era seropositiva para o VIH.

Decidi fugir de casa.



Como é que você, a sua comunidade e a sua Igreja responderiam a uma história como esta?

O que lhe diz o uso do título “a minha dona” sobre esta rapariga?

Como é que esta rapariga acabou nesta situação?

Teriam as pessoas reagido de forma diferente se isto tivesse acontecido a um rapaz e não a uma rapariga? Se sim, porquê?

Qual é a diferença entre um escravo sexual e um trabalhador sexual? E o que dizer da diferença entre raparigas e rapazes a este respeito?

Quais as áreas vulneráveis nesta história? Teria um rapaz enfrentado os mesmos riscos?

Que proteções podemos criar nas nossas sociedades para prevenir este tipo de abusos? Para os rapazes? E para as raparigas?

Que reação teria havido se o perpetrador fosse um líder religioso ou um pastor?

Ficarei sozinha? Uma história da Suécia

Joana é uma mulher jovem que foi infetada com VIH aos 20 anos. A sua primeira reação foi: ficarei sozinha agora? A ideia de isolamento é mais difícil de suportar do que o facto de se ter uma doença grave. A sensação de um abismo negro que apavora e causa uma profunda ansiedade é um “sentimento normal” quando se sabe que se é seropositivo para o VIH.

A Joana diz que conheceu outras pessoas com VIH e que perdeu o medo de ficar sozinha. Mas ela sente-se ansiosa devido à dificuldade que é aproximar-se de um jovem e contar a alguém sobre a sua situação. Ela tem um amigo próximo e acha que ele percebe que ela tem um segredo. Em breve, irá contar-lhe o seu segredo... em breve.

Requer muito esforço não contar a ninguém sobre a situação. É um esforço constante que nos consome estar atento aos nossos sentimentos, quer tenhamos a coragem e a força para contar ou não. Isso torna-nos tristes e profundamente infelizes. Para muitos, é um grande passo contar aos familiares mais próximos e amigos. O medo de ser rejeitado está lá. Assim como o medo de assustar alguém que é importante para nós. A incerteza pode refrear-nos de contar a nossa situação.

De qualquer forma, cada um de nós é uma pessoa e há formas diferentes de lidar com a situação.

Ela tem um amigo próximo e acha que ele percebe que ela tem um segredo.



É fácil para si falar de assuntos relacionados com sexo e sexualidade?

Como vê os sinais de culpa, vergonha e estigma nesta história?

Milhões de jovens vivem com VIH. Deve ser-lhes permitido ter relações sexuais? Em caso negativo, qual é a alternativa?

Como é que os preparamos para uma vida sexual realizada? Há diferenças entre mulheres e homens?

Quais são as ferramentas de que precisamos para ajudar-mos as mulheres e os homens jovens que vivem com VIH a terem uma vida sexual positiva e segura?

De que forma o desafio é diferente para raparigas e rapazes?

De que forma é que as comunidades de fé se empenham nas questões relacionadas com a sexualidade e a juventude?

A criança Mosotho Uma história do Lesoto

Cresci numa família cristã amorosa e isso deu-me a minha fé cristã. Cresci a pensar que os meus avós eram os meus pais, e só conheci a minha mãe muito mais tarde. Quando tinha nove anos, entrei para a escola primária na África do Sul, que ficava próxima. Dois anos mais tarde tive de deixar de estudar, porque o meu avô não me comprou um uniforme escolar. Vim para casa para tomar conta do seu gado e foi quando o meu tio me contou pela primeira vez a verdade sobre os meus pais biológicos. Foi difícil para mim, devido à minha idade, aceitar e perceber. A minha vida era tão difícil de suportar que tentei suicidar-me duas vezes, mas não consegui.

Em 2002, um ano mais tarde, voltei a estudar na África do Sul e descobri que a saúde da minha mãe era fraca. Fui para a escola mas com muito medo de a perder.

Em 2003, durante as férias da Páscoa, ela teve de regressar a casa porque lhe foi diagnosticado VIH. Em junho de 2003, comecei a usar e a vender drogas à noite para ganhar dinheiro. Ia para a cidade vender drogas e prostituir-me e era desta forma que vivia. Em agosto de 2003 fui enviada para um centro de correção para jovens durante três meses, por ajudar ladrões a roubar a minha escola.

O ano de 2004 foi tão difícil que tinha de ir para a escola com fome, porque não havia comida na cabana. Mesmo assim ia e apresentei-me para o exame do 4.º ano e consegui passar. Dois dias antes dos melhores estudantes serem distinguidos, fui informada de que a minha mãe tinha morrido. O meu avô disse-me que não podia pagar o meu transporte para o Lesoto, para ir ao funeral. Os meus professores ajudaram-me, contribuindo para que eu tivesse dinheiro para o transporte para poder assistir ao funeral.

Consegui aguentar-me bem até junho de 2005, mas depois tive de abandonar os estu-

dos de novo e regressar a casa, porque tinha voltado ao mundo das drogas.

Em 2006, voltei a frequentar o ensino secundário. Disseram-me que o Ministério da educação pagaria as minhas propinas, mas no início de 2008, informaram-me que isso não tinha acontecido. Tentei prostituir-me de novo até que tive de recorrer a um usurário e pedir dinheiro emprestado para voltar à escola.

Em 2009, era uma pedinte porque não tinha dinheiro. Deus fez com que fosse possível encontrar um doador de confiança que pagou as minhas propinas, para eu poder continuar a minha educação. Mas o meu avô ainda quer que eu guarde o gado dele.

Cresci a pensar que os meus avós eram os meus pais.



De que forma a pobreza aumentou a vulnerabilidade desta rapariga?

Como julgaria a situação desta jovem?

Como é que a sua comunidade de fé responde ao abuso de drogas e à prostituição?

As circunstâncias têm importância?

Se esta fosse uma história do tempo de Jesus, como acha que Jesus teria reagido?

Como deveria a comunidade de fé responder?



O meu pai seduziu-me

Uma história da Suazilândia

O meu pai era um ervanário – um curandeiro no nosso contexto local. Em 2010, a minha mãe sentiu-se mal e foi internada no hospital local e morreu devido a uma doença desconhecida. O meu irmão e eu fomos entregues ao nosso pai.

Depois da morte da minha mãe, o meu pai começou a manter relações sexuais comigo. Eu acompanhava o meu pai no seu trabalho de ervanário e frequentava a escola da nossa área. Quando tinha onze anos, o meu pai sentiu-se doente e foi internado no hospital. Tive de abandonar a escola para tomar conta do meu irmão e pai. O meu pai morreu e nós ficámos órfãos.

As enfermeiras no hospital procuraram por familiares nas fichas dos nossos pais. Elas descobriram um familiar que a minha mãe registara como sendo o seu pai. O nosso avô foi contactado para vir em nosso auxílio. Por esta altura, já eu estava doente e a seguir foi-me diagnosticado VIH. Comecei a tomar antirretrovirais (ARV – Medicação utilizada no tratamento do VIH).

O nosso avô levou-nos para casa dele e co-

meçámos a frequentar a escola primária local. Alguns meses depois, o nosso avô começou a queixar-se de que o meu irmão e eu éramos um fardo para ele e que não éramos responsabilidade dele. A seguir, levou-nos para a família da nossa mãe, onde esta havia crescido.

A família da nossa mãe era extremamente pobre e às vezes íamos dormir com fome porque não havia comida. Era violento para mim porque estava a tomar os ARV e não devia tomá-los com o estômago vazio. Na maioria das vezes, era a escola que me dava comida ou a minha professora que me dava alguma coisa para comer antes das aulas começarem. Quando não tinha comida, tinha erupções e feridas no meu corpo. Quando eu tinha as erupções e as feridas, os outros miúdos não queriam que eu tocasse nas coisas deles.

Tive de abandonar a escola para tomar conta do meu irmão e pai.



É normal precisar de ter relações sexuais, até mesmo com o filho/a filha?

Como define “pedofilia”?

Era responsabilidade de Zola tomar conta do pai e irmão?

De que forma a pobreza aumenta a vulnerabilidade? Para rapazes, para raparigas? Como vê isto?

O que exige a nossa cultura em termos de se tomar conta de crianças? É diferente no caso de raparigas e rapazes? Quais são os direitos das crianças nestas situações?

De que forma o VIH influenciou a situação?

De que forma é que o estigma aparece nesta história?

Como podem as nossas comunidades de fé abordar ou prevenir tais situações?

Os Obstáculos ao desenvolvimento

Um artigo da **Namíbia**

O nosso país tem sido aclamado por ter legislação avançada e progressista no que concerne à proteção dos direitos das crianças, mas ninguém está ainda convencido de que as mesmas leis incluem adolescentes preparados para tomarem o lugar da atual geração e conduzirem o país a novos patamares.

Sem o necessário apoio por parte da família ou do Estado, o futuro permanece uma esperança inatingível para muitos. Pais, professores e a Igreja podem ajudar os jovens a ultrapassarem as várias fases até à idade adulta, mas, infelizmente, poucos são os afortunados que possuem um sistema de apoio inclusivo.

As mulheres e homens jovens enfrentam inúmeros obstáculos ao seu desenvolvimento, incluindo abandono escolar, gravidez na adolescência, abuso e exploração sexual. Depois de completarem o ensino secundário, os jovens afortunados conseguem um emprego ou prosseguem os estudos em instituições superiores e os que não conseguem isto são deixados por sua conta para sobreviver. Devido à pobreza, e em resultado da falta de instituições de apoio após a escola para atividades extracurriculares e apoios sociais, muito são empurrados para atividades antissociais, como pode ser atestado pelos casos de homicídio, violação e roubo, nos quais jovens entre os 15 e os 22 anos estão envolvidos.

Apesar das disposições constitucionais, as crianças, particularmente os jovens, não possuem ainda a garantia de abrigo, comida, bem-estar ou um desenvolvimento educacional digno para viverem uma vida normal e contribuírem para a prosperidade do país. Muitos nem sequer fizeram o ensino secundário, por os seus pais não conseguirem suportar isso. Onde é que eles acabam, isso é que

ninguém sabe. Para além da escola primária, as mulheres e homens jovens dependem unicamente da capacidade financeira dos seus pais. Não existem atualmente programas sociais ou de proteção para jovens desempregados vindos de famílias pobres para acederem a programas de educação, proteção e bem-estar.

A situação resultou numa tempestade de crime, abuso de drogas e crimes sexuais, que as agências de cumprimento da lei e as instituições governamentais são incapazes de conter, quanto mais mitigar.

Contudo, há a necessidade de criar projetos concretos para salvar a juventude da Namíbia das garras da pobreza, da perpetuação e da futilidade.



Reconhece a situação aqui descrita no seu próprio país?

Como é a situação no seu contexto?

Quais são os direitos dos jovens no seu país?

De que formas vê as diferenças entre homens e mulheres jovens?

Como devem as comunidades de fé responder?



Estudos bíblicos



Salmo 139: 1–18, 23–24

Criados pelas mãos de Deus

Os salmos há muito tempo que têm sido usados em louvor e veneração. Os salmos são geralmente atribuídos ao Rei David, e este não é exceção. David tornou-se rei de todo o Israel e Judá com a idade de 30 anos. Muito jovem, foi ungido para se tornar Rei e viveu a sua vida muito próximo de Deus. Isto não significa que David fosse perfeito, ele sucumbiu muitas vezes, de forma espetacular! Contudo, o que há a destacar é o seu profundo conhecimento da onnipotência (todo-poderoso) de Deus e o seu louvor a Deus como seu criador.

O maravilhoso conhecimento, poder e amor de Deus é aqui demonstrado como apoio para todas as pessoas que lutam para se conhecerem a si mesmas.

Como é que este texto revela a imagem de Deus?

O que sente quando lê o texto? Dá-lhe uma nova visão sobre a existência de Deus – e a sua própria?

Existem limitações ao amor de Deus?

Como é que este texto pode ser usado para apoiar jovens que lutam com a sua identidade?

De que forma este texto é útil para as comunidades de fé?

“Sou apenas um rapaz”

Jeremias 1: 6

Chamamento de Jeremias

The prophet Jeremiah lived and worked in the Kingdom of Judah from approximately 627 B.C. to the exile in Babylon in 586 B.C. He is viewed as one of the great prophets, and, indeed, we can read in the sixth verse of the first chapter of the book of Jeremiah that he said to God: “I am only a boy.” God makes it very clear to Jeremiah that it was He who formed him. God knew him even before he was conceived and God anointed him for that task even before he was born.

The calling of Jeremiah is one of those that shows how profoundly God is involved in our lives. It is a calling that gives each of us the courage and the knowledge that if God is on our side, no one can oppose us.

De que forma se encontra este texto relacionado com o salmo 139?

Para que foi Jeremias chamado?

Como é que ele reage como jovem?

Como é que ele pode cumprir o seu chamamento?

O que é que o chamamento de Jeremias lhe ensina sobre a sua própria importância para Deus?

De que forma está Deus a chamá-lo?

Está, como Jeremias, a dar razões a Deus por que não pode responder ao chamamento?

Acha que seguir o chamamento de Deus é difícil? E porquê?

Estão homens e mulheres jovens incluídos nas estruturas de tomada de decisões na sua paróquia, para que possam seguir o seu chamamento?

Gênesis 37: 12-36

José e os seus irmãos

A história de José e dos seus irmãos é uma história bíblica muito apreciada. Contém muitos aspetos que podem ser discutidos. Quando Jacó está a chorar a morte de José, a Bíblia diz-nos que todos os seus filhos e filhas tentaram confortá-lo. Já alguma vez ouviu falar das filhas de Jacó? Da mesma forma, a história também nos conta como os irmãos de José o venderam como escravo. Na nossa linguagem, chamamos a isso tráfico humano. Acima de tudo, José é um jovem, amado pelo seu pai, que tinha irmãos que nutriam por ele uma forte inveja. Apesar das dificuldades, José respondeu aos sonhos que Deus lhe enviou.

Qual é o sonho de José?

Como reagem os seus irmãos? Verifica algum abuso na história?

O que acontece a José? Como é que ele se sente no meio destes dramáticos eventos?

Como é que ele, finalmente, cumpre o seu chamamento?

Como é que responde quando lida com alguém que acha difícil?

Como é que olhamos para a vontade de Deus nestas situações?



Lucas 15: 11–32

O filho pródigo

Jesus utiliza histórias ou parábolas para ensinar os Seus discípulos. Referimo-nos a esta história como a do “Filho Pródigo”. A palavra “pródigo” significa “esbanjador” ou “extravagante”. A história poderia facilmente ser

chamada de “o pai que perdoa” ou o “irmão amargo”. Em parte alguma no início da parábola existe referência a um estilo de vida promíscuo, mas o irmão mais velho faz essa acusação. O pai desta história fica à espera, sempre na esperança de que o seu filho mais novo regresse. O filho mais velho tenta criar uma ideia de culpa, até onde há só especulação.

Porque é que o filho deixou a sua casa?

E se o pedido de ter direito à herança tivesse vindo de uma rapariga? Teria a resposta do pai sido diferente?

O que aconteceu ao filho enquanto esteve fora?

Nesta história, quais são as questões-chave que alteram a dignidade?

A resposta do pai influencia a nossa compreensão sobre dignidade humana?

Porque é que o pai o recebeu tão efusivamente?

Qual foi a reação do filho mais velho?

O que nos diz esta história sobre os homens e mulheres jovens de hoje?

A close-up photograph showing a pair of hands gently holding the head of a newborn baby. The skin of the hands is dark and wrinkled, while the baby's skin is light and smooth. The word "Abuso e" is written in large, white, sans-serif font across the middle of the image, partially obscuring the hands and the baby's face.

Abuso e



Histórias silenciadas

O abuso ignora os princípios fundamentais da dignidade humana, do respeito e do amor, mas é extremamente comum nas relações humanas. Atravessa de forma indiferenciada o gênero, raça, cultura, nacionalidade e idade. O abuso é normalmente encoberto sob a capa do silêncio e as pessoas que são abusadas não se atrevem a falar sobre as suas experiências, devido aos sentimentos de vergonha e culpa e devido ao medo das consequências para si mesmas. O abuso tem lugar em todas as sociedades e culturas, tanto dentro como fora das Igrejas, e dentro e fora das famílias.

O abuso pode assumir diferentes formas, pode ser visível ou invisível. Mas a um nível mais profundo, deixa cicatrizes no nosso corpo e alma e rouba-nos a nossa autoestima. O abuso magoa-nos de forma física, psíquica, emocional e mental, e pode prejudicar gravemente a forma como funcionamos nas nossas vidas diárias. Os estudos demonstram que o abuso é frequentemente perpetrado por pessoas que também elas foram abusadas. Para parar este círculo vicioso de abuso, acreditamos que a ferramenta mais eficaz é falar abertamente sobre isso.

O abuso está ligado à estigmatização, por quanto os sobreviventes do abuso – especialmente as mulheres – são frequentemente acusadas de desempenharem um papel ativo e condescendente e são, por isso, menosprezadas na sua comunidade; há qualquer coisa de errado com o sobrevivente do abuso (sedutor, roupas ousadas, etc.)! Quando o abuso ocorre dentro da família, a experiência demonstra que o mais provável é a família tentar manter

isso em silêncio. Alguém que fale abertamente sobre o assunto arrisca-se a ser punido pela estrutura familiar ou até expulso. Quando o abuso ocorre dentro da Igreja (por exemplo, entre um pastor e um membro da sua paróquia), a experiência demonstra que pode levar anos até ser descoberto. Desta forma, o abuso é um tabu e revelá-lo é perigoso porque o escândalo ameaça a estrutura do poder, que apoia o abuso e irá desfavorecer o abusado. A experiência demonstra que, se necessário, o abusador tentará colocar a responsabilidade do ato no abusado.

As principais causas e consequências do abuso são:

- O abuso é uma forma de acentuar o poder, e é por causa disso que é frequentemente ocultado. Falar abertamente sobre o abuso é o primeiro passo para se quebrar o círculo vicioso de abuso do poder.
- O abuso é uma violação da integridade e dignidade de outro ser humano.
- O abuso ultrapassa fronteiras que nunca deviam ser ultrapassadas. Numa relação de poder desequilibrada, ou seja, entre um pastor e um membro da Igreja ou um professor e um aluno ou um adulto e uma criança, a relação sexual é um abuso, mesmo se a criança, o membro da Igreja ou o aluno o consentirem.
- O abuso resulta em perda de autoestima e também é causado pela falta de autoestima no íntimo do abusador.

Há muitas formas do abuso se manifestar. Isso ocorre a todos os níveis – físico, psicológico, emocional e espiritual.

Abuso físico: utilizando violência física ou

sexual contra outra pessoa de uma forma ou de outra, seja por bater, assédio sexual, violação, sedução de pessoas com menos poder, etc.

Abuso psicológico: destruindo a autoestima e a segurança própria de um ser humano, conduzindo a pessoa à depressão ou a outras formas de desequilíbrio mental.

Abuso emocional: manipulando as respostas emocionais de uma pessoa, criando dependência. Isto pode ter efeitos extremamente negativos para a pessoa e até para toda uma congregação ou comunidade.

Abuso espiritual: destruindo a relação saudável com Deus, negando a espiritualidade que desperta e a inerente dignidade humana do indivíduo. Ou simplesmente explicando que o abusador está a fazer a vontade de Deus e condenando o abusado como pecador.

O abuso físico é, de certa forma, o “mais fácil” de descobrir, dado que é visível e concreto, mas é frequentemente causado – ou seguido – por outras formas de abuso. Dentro da relação abusiva, o abuso é seguido por ameaças para não se revelar o que está a acontecer. O abusador utiliza o poder dele ou dela sobre o abusado para manifestar um certo sentido de poder. Muitas vezes, existe uma relação de simbiose¹ (entre poder e inferioridade, abuso e vergonha), que tem de ser quebrada, de forma a revelar a vulnerabilidade ocultada no abuso. Isto pode levar anos a ser revelado. Ser abusado é frequentemente visto como uma posição vergonhosa e os sobreviventes podem até ter de lutar com sentimentos de culpa e medo.

De forma alguma devemos acusar o abusado do abuso! Caso contrário, estamos a favorecer o estigma que mantém muitas pessoas silenciosas sobre os abusos que viveram. Apesar de a maior parte do abuso ser dirigido às mulheres e crianças, assistimos a um aumento do abuso dirigido a rapazes e homens.

Algumas definições de abuso:

v. tr. Abusado, abusar, abusa

1. Usar de forma errada ou imprópria; usar incorretamente: abusar do álcool, abusar de um privilégio.
2. Magoar ou ferir por maus-tratos; maltratar.

3. Forçar à atividade sexual; violar ou molestar.
4. Atacar com palavras de desprezo, rudes ou insultuosas; injuriar.
5. Obsoleto: Enganar, iludir.

n. [abusu]

1. Uso ou manuseamento impróprio; uso incorreto: abuso da autoridade, abuso de drogas.
2. Tratar mal fisicamente: no casamento.
3. Abuso sexual.
4. Uma prática injusta ou ilegal: um governo que comete abusos contra os cidadãos.
5. Insulto ou linguagem grosseira: abuso verbal.

(Traduzido a partir do constante no free online dictionary.)

Abuso, vergonha, pecado e culpa

As pessoas que são abusadas podem sentir que foram completamente abandonadas por Deus quando foram abusadas. (Por que razão o Deus TodoPoderoso que tudo vê – Salmo 139 – não me viu e não me protegeu? Muitas vezes, os abusados podem sentir-se profundamente envergonhados por algo de que não são culpados. Em vez disso, eles necessitam de ser aliviados da vergonha e do sentimento de serem pecadores. É muito fácil interpretar mal a relação entre vergonha, pecado e culpa.

É muito fácil interpretar mal a relação entre vergonha, pecado e culpa.

Para uma pessoa abusada, estas três palavras estão frequentemente misturadas, ou seja, são vistas como idênticas. Alguém pode sentir-se culpado, envergonhado e pecador ao mesmo tempo, dado que não é fácil distinguir entre os três.

Os sentimentos contraditórios da pessoa que é abusada tornam mais fácil para o abu- ➔

→ sador exercer o seu poder. O abusado assume frequentemente a responsabilidade pelo abuso, devido à vergonha que lhe está associada. Tal cria o sentimento de que se é pecador e o sentimento de que, de alguma maneira, se merece o abuso, como forma de justiça/castigo de Deus. A autoestima está completamente ausente e tudo isto cria um círculo vicioso, difícil de romper.

A Igreja tem de desenvolver uma linguagem inclusiva e compreensiva, que abarque as pessoas que sofrem de abuso, vergonha, sensação de pecado e culpa. Isto aplicase tanto ao aconselhamento pastoral como à liturgia da paróquia.

Pecado:

O pecado é algo que nos separa de Deus. É basicamente compreendido como o violar de dois grandes mandamentos – o de amar a Deus e amar o próximo como a nós mesmos. Todos lutamos contra o pecado. Ninguém é sempre completamente “puro”. “Todos nós pecámos e não atingimos a glória de Deus”. O pecado é algo que fazemos contra a nossa convicção e fé!

Vergonha:

A vergonha, quando destrutiva, pode frequentemente ser associada ao abuso. Faz com que uma pessoa sinta uma falta de honra, bem

como uma falta de valor. A vergonha pode ser definida como um sentimento de indignidade, de não merecer ser amado ou de não ser merecedor de amor. A vergonha influencia o respeito por si próprio e a noção de dignidade humana do indivíduo. O fardo da vergonha pode ser traumatizante, impedindo-nos de seguir em frente com a nossa vida de uma forma positiva. A vergonha está relacionada com o facto de sermos humanos, com a nossa identidade, com a imagem de nós mesmos. (Há, contudo, uma forma construtiva de vergonha, que nos protege a nós e à nossa esfera íntima!)

Culpa:

O sentimento de culpa pode resultar daquilo que nos foi ensinado pela sociedade, pelas expectativas que esta cria e pelas suas exigências. A maioria de nós tem um conceito inato de certo e errado, e se transgredirmos de acordo com esse conceito inato, sentir-nos-emos culpados. Muitas vezes projetamos a culpa uns nos outros, dividindo ou tentando difundir a culpa. A culpa está intimamente ligada a algo que fizemos (ações e incidentes) e que vemos como errado.

[1] *Simbiose: em psiquiatria “uma relação entre duas pessoas na qual cada pessoa é dependente uma da outra e recebe reforço, seja benéfico ou prejudicial, do outro”.*



Podem os sentimentos

de vergonha e culpa oprimir o abusado?

Quem de entre nós já passou por estes sentimentos de culpa e vergonha?

Como é que promovemos o respeito, amor e brandura nas nossas relações?

Como é que afirmamos

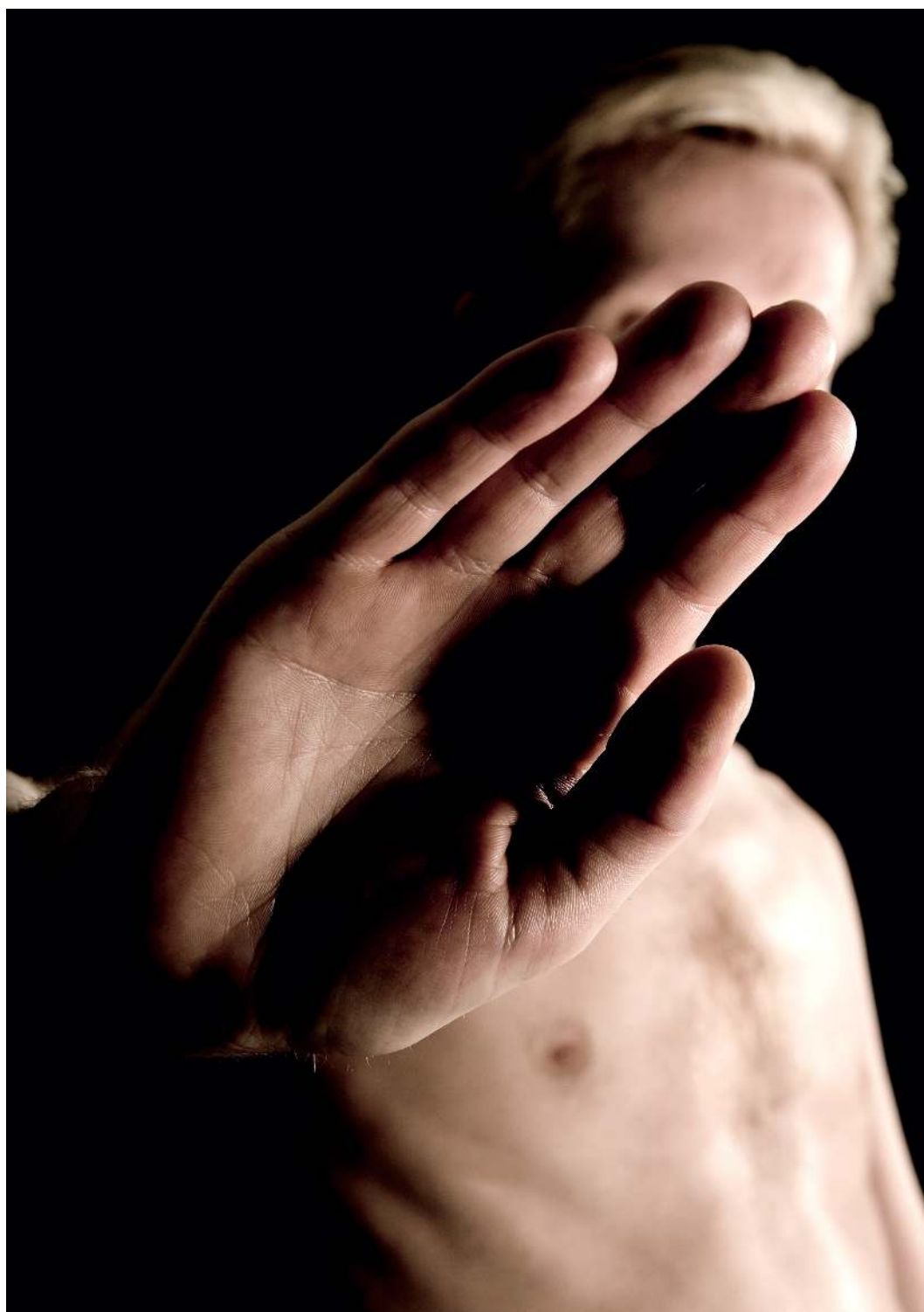
a dignidade humana de uma pessoa traumatizada por abuso?

Quais são as vulnerabilidades específicas de mulheres, homens, raparigas e rapazes no centro do abuso?

Como podemos prevenir

o abuso a diferentes níveis?

Como é que as comunidades de fé devem responder, de modo a ajudar os que sobrevivem ao abuso?



Histórias de abuso



Ele silenciou-me com presentes **Uma história do Zimbabué**

O meu pai tinha duas mulheres e nove filhos e eu era a única rapariga nascida da segunda mulher. Chamo-me Paida. Quando tinha cerca de dois anos de idade, o meu pai abusou fisicamente de mim por nenhuma razão aparente.

A minha mãe pediu ajuda aos vizinhos e familiares para confrontar o meu pai relativamente ao seu comportamento abusivo em relação a mim; contudo, o meu pai, repentinamente, deixou de abusar de mim fisicamente e começou a mostrarme amor e cuidado como nunca antes, dando-me toda a atenção de que

eu necessitava. Quando a minha mãe o questionou sobre essa mudança, o meu pai pediu desculpa à minha mãe por me ter negligenciado como sua única filha.

Esta mostra de amor e cuidado em relação a mim era mais profunda do que aquilo que os olhos podiam ver, o meu pai estava a abusar de mim sexualmente e isso continuou de forma silenciosa durante algum tempo sem que ninguém suspeitasse de nada. O meu pai disse-me para não contar a ninguém, nem sequer à minha mãe; eu estava a morrer por dentro de dor e vergonha. Como criança, tentava agradar ao meu pai, mantendo o segredo e, em troca, o meu pai comprava-me todo o tipo de prendas. Quando a minha mãe questionou

Quando tinha cerca de dois anos de idade, o meu pai abusou fisicamente de mim.

aquele comportamento anormal entre nós, o meu pai respondeu que estava a compensar-me pelo tempo perdido, quando me tinha negligenciado em criança.

Quando cheguei à adolescência, comecei a subornar o meu pai para me comprar tudo o que eu pedisse. Certo dia, durante as férias escolares, o meu pai organizou uma viagem de compras para nós os dois ao Botsuana. Durante a preparação da viagem, o meu pai reservou um hotel por cerca de cinco dias e comprou preservativos suficientes para usar durante a estadia. Contudo, o pior aconteceu quando ele se esqueceu dos preservativos na mesinha de cabeceira e a minha mãe os encontrou. Quando questionado, ele ficou furioso e foi-se embora.

No dia da viagem, recusei repentinamente a oferta. Isso deixou o meu pai dececionado, e ele partiu sozinho para o Botsuana.

Nessa altura, eu tinha um namorado a quem revelei a minha situação de abuso. O meu namorado aconselhou-me a relatar o assunto à polícia, mas eu não segui o seu conselho. O meu namorado incentivou-me, então, a falar com a minha tia, a quem revelei o comportamento abusivo do meu pai.

A minha mãe recusou-se a apresentar queixa na polícia, pois temia que o meu pai fosse detido e que a família, em consequência disso, perdesse o seu ganha-pão.

Quando o meu pai regressou a casa, a minha mãe e a minha tia confrontaram-no com o seu abuso sexual sobre mim. Ele recusou-se a aceitar ter conhecimento de ter abusado de mim enquanto sua filha. Até as ameaçou de morte se contassem alguma coisa à polícia. Em resultado disso, o assunto não foi denunciado.



Que tipo de abuso encontra aqui? Por favor, destaque-o

Porque é tão difícil para Paida falar sobre a situação?

Como é que os sentimentos de culpa e vergonha estão envolvidos?

Como é que ajudaria Paida a sair da vergonha e da culpa de ser abusada pelo seu pai?

O que permite a Paida finalmente revelar a situação?

Quais são os sentimentos da mãe quando ela se apercebe do que aconteceu à filha?

Como é que a Paida poderia ter sido ajudada mais cedo?

Porque é que a relação com o pai era tão delicada e difícil de romper?

Se a Paida fosse um rapaz e tivesse disso abusado, as reações teriam sido diferentes?

Como reagiria numa situação semelhante? Se fosse uma rapariga? Ou se fosse um rapaz?

Conhece pessoalmente outras histórias como esta?

Como devem responder as comunidades de fé?

Certo dia, quando ela foi para o seu turno da noite, fiquei sozinha com o meu cunhado.

A minha irmã recusou-se a acreditar em mim uma história do Botsuana

Quando eu tinha nove anos, fui levada para casa da minha irmã, que era casada e não tinha filhos. Era suposto ajudá-la com as coisas da casa enquanto, ao mesmo tempo, iria à escola. A minha irmã trabalha como enfermeira no hospital das proximidades e trabalhava por turnos.

Certo dia, quando ela foi para o seu turno da noite, fiquei sozinha com o meu cunhado. Quando estava a dormir no meu quarto, ele entrou e dormiu ao meu lado. Fiquei assustada, porque aquilo era estranho para mim.

Depois de algum tempo, ele começou a acariciar e a tocar partes do meu corpo para me excitar, sem qualquer respeito por mim. Procurava afastar-me dele, mas ele procurava aproximar-se de mim. Naquela noite ele não teve relações sexuais comigo e pensei para comigo que ia ser a última vez.

Ele tornou-se muito carinhoso, chamando-me de filha. Lembro-me da minha irmã dizer a uma amiga que o marido dela me tratava como se eu fosse filha dele. Eu nem sequer conseguia olhar para ele. Certa noite, enquanto a minha irmã estava a dormir, ele veio até ao meu quarto, ajoelhou-se ao meu lado e começou a tocarme. Conforme dei um pulo, ele olhou-me e fez-me sinal de que devia estar

calada. Lutei até que me levantei e resisti ao toque dele.

Na semana seguinte, a minha irmã teve o turno da noite de novo e lembro-me de lhe perguntar se ela não podia trabalhar só de dia. Ela disse-me que eu não devia ter medo, porque o marido dela estava em casa e se eu tivesse muito medo, podia dormir na cama ao lado, no quarto deles. Mal ela sabia que era o marido dela que eu temia.

À meia-noite ouvi os passos dele dirigirem-se para a minha cama. Ele começou a fazer o que normalmente fazia e foi ainda mais longe. Essa foi a noite em que começou a violar-me.

Todas as vezes que a minha irmã tinha o turno da noite, ele vinha ao meu quarto e violava-me. Ameaçava-me continuamente para não contar a ninguém sobre o seu abuso, caso contrário, ele matar-nos-ia a ambas, a mim e à minha irmã. Contei à minha irmã sobre o abuso sexual que tinha sofrido por parte do marido, mas ela não acreditou em mim e acusou-me de querer acabar com o casamento dela.

Só quando tinha dezassete anos contei à minha professora na escola sobre como era abusada sexualmente pelo meu cunhado. Ela não perdeu tempo e apresentou queixa na polícia. A polícia prendeu-o e ele foi condenado a quinze anos.

Sinto-me tão traumatizada como se isto tivesse acontecido ontem.



Onde é que o abuso sexual realmente começa nesta história?

De que forma as práticas e tradições culturais tornaram esta rapariga vulnerável?

Quais podem ser algumas das razões pelas quais a irmã desta rapariga não agiu contra o abuso?

Quando é que devemos envolver as autoridades? A

estrutura legal tem algo a dizer relativamente à resposta que se dá?

Como devemos abordar o abuso a partir das nossas comunidades de fé?

Líder religioso assassinado

Uma história da África do Sul

Soube da notícia de que o Jason tinha sido morto quando estava sentado com um grupo de amigos em minha casa em Pretória, em meados de Dezembro de 2011. Um dos seus melhores amigos ligou-me para me dizer que ele tinha sido esfaqueado em sua casa, depois de ter sido espancado até à morte. A sua carteira fora deixada visivelmente ao lado do seu corpo, nada fora roubado.

O Jason não se chamava Jason quando o conheci. Era um rapaz magricelas do Soweto, que era voluntário na área do VIH. Nessa altura, ele não era VIH positivo (ou se era, não sabia ou não se abria sobre isso). A sua paixão e entusiasmo pela vida e um interesse em envolver-se a sério em algo eram já evidentes. Respondia pelo nome de David nessa altura e, ao longo dos anos, voltou a usar um dos seus outros nomes de nascimento, Jason.

Embora a motivação para estas mudanças nunca me tenha sido revelada, parecia refletir uma viagem interior de exploração, um desejo de encontrar uma identidade, um propósito e um lugar na sociedade, que não fosse apenas homofóbico e estigmatizante para pessoas que vivessem com VIH, mas que desafiasse toda a África do Sul em torno de questões ligadas às raízes, à identidade e à pertença.

Fomos amigos durante muitos anos, vi o Jason transformar-se numa estrela dos média, desempenhando um papel-chave na série “Siyayinqoba – Beat It!” com aprumo.

Como jovem negro, homossexual, confiante, “assumido” sobre ser VIH positivo, o contributo do Jason para construir uma África do Sul mais inclusiva não deve ser subestimado. Para muitas pessoas, ele simbolizava a esperança,

a sobrevivência, o sucesso e a autoconfiança. Ele, verdadeiramente, transcendeu o estigma assimilado.

O Jason deixava uma profunda impressão em toda a gente, mesmo se o seu entusiasmo o levava, às vezes, a irritar as pessoas. Melindroso e orgulhoso às vezes, eu via estas características como defesas importantes para não ser explorado. O Jason sempre conquistou as pessoas com o seu entusiasmo, amabilidade, o seu sorriso franco e aberto e o seu senso de humor.

No amor, o Jason não teve tanto sucesso como teria querido, mas havia sempre o suficiente para os seus amigos e família. Ele importava-se verdadeiramente com as pessoas, e se se estivesse do seu lado, então ter-se-ia o seu apoio a 100%.

Em tudo o que fazia, era evidente um entusiasmo e um amor pela vida. A sua Igreja era muito importante para ele e, embora o seu sentido de persistência e de vontade lhe tivessem criado conflitos com pessoas, a sua dedicação e profunda fé nunca foram questionadas.

O Jason, sempre vistoso no seu lazer e festas, adorava flores e velas. Quando estávamos a preparar o seu funeral, desencadeou-se um conflito. Era difícil para algumas pessoas da sua família permitir que a sua sexualidade fosse conhecida e até celebrada. Foi-nos dito: “Nada de flores, nada de velas, nada de instrumentos durante o funeral.” À medida que a comunidade de fé à qual ele pertencia se ia reunindo para prestar-lhe homenagem e cozinhar para o seu funeral, de novo nos foi dito: “Porque estão a fazer isto? Isto não é um casamento!” Até na morte o Jason causou rebuliço!

Eu, como pastor que o enterrou, devo dizer que todos os que se preocupavam com ele e o amavam sentirão a sua falta – ele era inesquecível em vida e será inesquecível na morte.

Como é que esta história
o afeta?

Como classificaria este tipo
de abuso?

A sexualidade de Jason afeta

a sua humanidade? É correto
eliminar alguém porque a
pessoa é “diferente”?

A orientação sexual retira-nos
a dignidade humana concedi-
da por Deus?

Há uma relação entre
a dignidade humana e
a sexualidade?

Como devem as nossas
comunidades de fé responder
a um incidente como este?





Senti que tinha chegado a casa **Uma história da Noruega**

A primeira vez que entrei em contacto com o Abrigo Noturno (Night Shelter), a minha vida seguiu uma direção que eu não podia prever. Há algum tempo que consumia drogas ilegais, mas não tinha propriamente perdido o controlo. Pelo menos, ainda tinha o meu apartamento, as minhas finanças estavam bem e isto fazia sentir-me de certa forma parte da sociedade.

Durante os próximos seis meses, tudo começou a desmoronar-se e já não via possibilidade de mudança. Sentindo esse tipo de desespero, aumentei o meu consumo de drogas e isto ainda piorou mais a minha situação. O abuso de drogas arrastou-me até ao fundo. Por fim, roubou-me a minha dignidade humana. Até perdi o contacto com os meus três filhos.

Nunca pensei que aquilo me iria acontecer – acho que ninguém realmente pensa que irá acabar assim e o caminho para voltar atrás parecia-me demasiado longo.

Mas então, por volta do Natal do ano passado, uma amiga levou-me ao Abrigo Noturno, uma casa para mulheres que lutam contra a de-

pendência de drogas na Church City Mission, em Oslo. Alguma coisa me aconteceu quando atravessei a porta; senti que tinha chegado a casa.

Nunca tinha sentido aquele tipo de acolhimento em nenhum dos outros locais destinados a grupos semelhantes – para pessoas na minha situação. Na realidade, até parecia bastante surreal! Pensei: existe mesmo um local como este? Um local onde sou aceite tal como sou? Um lugar sem exigências para mudar os meus hábitos e a minha forma de viver?

Esta experiência fez-me sentir vontade de mudar! Ninguém me disse para mudar nada! Mas ser tratada como “pessoa normal” fez-me sentir de alguma forma “normal”, apesar da minha situação.

Senti, pela primeira vez em muitos anos, que tinha algum valor e isso criou em mim um anseio de lutar contra a minha dependência de drogas. Não porque alguém me tivesse feito um ultimato, ou me tivesse forçado a uma solução, mas simplesmente porque senti que merecia uma vida melhor.

Agora, até eu sou voluntária no Abrigo Noturno e participo cinco dias por semana em



assuntos de carácter prático e faço mesmo algum trabalho de vigilância noturna aos fins de semana.

Fazer parte desta casa, afasta-me das drogas e, ao mesmo tempo, dá-me uma sensação de ser suficientemente boa como sou.

Agora estou de novo em contacto com os meus filhos. Mas o caminho para regressar à vida tal como quero ainda é comprido e sinuoso, mas é de grande ajuda ter as pessoas – mulheres, pessoal e voluntários – do Abrigo Noturno como apoio. Estou muito grata por isso.



Para começar, qual era a situação da Emma?

O que acha que leva as pessoas a consumir drogas?

Porque não era a Emma capaz de quebrar o círculo vicioso?

O que aconteceu quando ela encontrou o caminho para o Abrigo Noturno em Oslo?

O que significou isso em termos da sua identidade enquanto pessoa?

Como é que ela ultrapassou o abuso pelo qual tinha vindo a passar?

Onde foi ela buscar forças?

Como foi capaz de começar uma nova vida?

Reconhece esta história no seu contexto?

Podia isto acontecer onde vive?

O que a fez sentir-se em casa?

Como podemos aprender com isto?

Como devem as comunidades de fé responder?

A polícia humilha-nos de todo o tipo de formas e não temos direito a queixar-nos.

Se nos prenderem, por favor não nos violem Uma história do Maláui

O trabalho sexual é ilegal no nosso país, mas algumas de nós recorrem a este trabalho para ganhar a vida. Frequentemente, envolvemo-nos em confrontos com a polícia. Somos presas durante a noite e interrogadas. Depois disso, somos acusadas de acordo com a lei.

Enquanto estamos presas, muitas de nós são violadas pela polícia. Isso cria uma grande frustração e ansiedade, especialmente porque estamos numa posição muito vulnerável. A polícia humilha-nos de todo o tipo de formas e não temos direito a queixar-nos. A violação expõe-nos aos riscos de transmissão de VIH. Sentimo-nos desumanizadas.

Quando nos encontramos com os nossos clientes, pelo menos somos pagas. Os polícias que nos violam não pagam. Sentimo-nos violadas, sem valor, sem direitos e sem ninguém que nos proteja.

Tentámos protestar contra estas violações, marchando nas ruas. Levámos cartazes dizendo: “Polícia, se nos prenderem, por favor não nos violem!” Pedimos-lhes apenas que nos acusem de acordo com a lei. Que nos tratem como seres humanos.

Formámos agora a nossa própria associação, tentando que a polícia pare de fazer estas atrocidades. Contratámos os nossos próprios advogados e criámos uma linha de apoio. As

pessoas podem telefonar e partilhar os incidentes que experienciaram enquanto estiveram presas.

São os nossos advogados que recebem os telefonemas e que fazem os relatórios deles. Com isto, esperamos documentar as atrocidades que vão acontecendo por todo o país.

Esperamos que, por fim, as violações parem. Unirmo-nos nesta luta, permite-nos erguermo-nos, tornarmo-nos dignas, partilharmos as nossas histórias e lançarmos luz sobre as atrocidades.



Porque é que algumas mulheres e alguns homens se envolvem na venda de sexo?

O que pode a Igreja fazer para ajudar as mulheres que vendem sexo?

O que significa isto em relação à dignidade de uma pessoa que está envolvida na venda de sexo?



O abuso escondido

Um artigo do **Lesoto**

O “abuso” é definido como algo que é prejudicial, injurioso ou ofensivo.

Existem vários grandes tipos de abuso: físico, verbal e abuso sexual de uma criança ou de um adulto, abuso de substâncias, abuso de pessoas idosas, abuso emocional, e assim por diante.

O abuso verbal é muitas vezes mais difícil de se ver, já que raramente há marcas visíveis, a não ser que tenha ocorrido abuso físico. Mas é frequentemente menos visível, simplesmente porque o abuso ocorre num local privado. A vítima de abuso verbal vive numa esfera confusa que vai gradualmente aumentando.

Indicadores de violência doméstica e baseada no género

Eis alguns dos possíveis indicadores de abuso:

- Doenças relacionadas com o stress, tais como insónia e alucinações.
- Afastamento do convívio social com outras pessoas fora da família.
- Depressão.
- Problemas familiares.
- Dependência de álcool e drogas.
- Falta de asseio pessoal – lesões visíveis.

Consequências da violência doméstica

A violência doméstica tem um impacto negativo na família bem como em cada membro →

→ dela. A família desfaz-se por causa da violência, e isso também afeta a comunidade. Por fim, o mundo todo é afetado, quer econômica quer moralmente. Os valores da família ficam comprometidos em lares onde a violência doméstica é uma característica, porque eles são caracterizados por uma falta de respeito e de comunicação interpessoal.

As mulheres tornam-se vítimas diretas e por causa da sua relativa falta de força física e da sua desvantagem econômica, elas permanecem em lares violentos para poderem sobreviver. A sua incapacidade de pôr fim ao abuso resulta numa incapacidade de protegerem os filhos e, assim, estes também ficam indefesos.

As crianças também sofrem muito em lares violentos. Elas crescem num ambiente que é violento e molda o seu futuro de forma negativa. As consequências de se crescer num ambiente doméstico violento levam as crianças, para fugirem à realidade, ao consumo de álcool e a outras formas de delinquência juvenil.

Algumas crianças sentem-se um pouco melhores se abandonarem os seus lares violentos e forem viver para as ruas, enquanto outras se sentem presas numa armadilha de violência e são incapazes de fazer o que quer que seja. As crianças sujeitas a violência doméstica também aprendem pelo exemplo que a violência é a única forma de resolver conflitos.

Inexistência de um quadro legal

O Lesoto não possui qualquer proteção legal contra a violência doméstica e as questões ligadas com a violência são tratadas dentro da família e levadas ao conhecimento dos chefes (líderes comunitários) se o problema persistir. A polícia é maioritariamente notificada em casos de violação e agressão e os perpetradores são acusados. A violência é pouco denunciada e isto é perpetuado pela forma inadequada de lidar com os casos de violência doméstica. A violência doméstica ainda é um assunto premente, que tem de ser tratado especificamente pela lei.

No Lesoto, a Lei da Violência Doméstica, que podia proteger as mulheres e as crianças

do abuso, está presentemente em fase de consulta pública e de advocacia. A ausência de uma Lei da Violência Doméstica tem consequências terríveis para mulheres e crianças, dado que outros incidentes de violência doméstica, que não são vistos como crime, não podem ser sentenciados ou acusados como ilícitos. Casos como os de negligência, abuso económico e abuso emocional ainda não são protegidos pela lei e isto tem um impacto negativo sobre as vítimas.



Qual é a diferença entre violência verbal e física?
De que forma pode a violência verbal em si mesma humilhar uma pessoa?

Como é que se deteta sinais de violência, tanto verbal como física?

Como é que os homens e as mulheres reagem de forma diferente à violência?

Porque é importante ter um quadro legal para proteger as vítimas de violência?

Como podem as comunidades de fé defender um quadro legal melhor?

Como podem as comunidades de fé ajudar as vítimas de violência a falar?



Estudos bíblicos



Gênesis 34: 1–31

A Violação de Diná

Ao lermos o relato da violação de Diná, torna-se claro para nós que a nossa sociedade e aquela na qual vivia Jacó e a sua família são muito diferentes. Mas há muitas coisas que permanecem inalteráveis. No tempo de Jacó, os homens usavam a força para subjugar as mulheres contra a sua vontade. O mesmo acontece hoje. Neste relato ouvimos falar de um preço que tem de ser pago pela mácula de Diná; muitas culturas em África também têm um preço que tem de ser pago se uma mulher for maculada antes do casamento. Nesta história, cultura e religião estão misturadas e em muitas das nossas sociedades também é difícil estabelecer uma divisão entre cultura e religião. O que se mantém constante, contudo, é que forçar outra pessoa a ter relações sexuais nunca pode ser justificado, nem dentro nem fora do casamento.

O que levou Siquém a violar Diná?

O que pensa da reação dos irmãos dela?

É moralmente correto reclamar vingança como eles fazem?

Estavam no seu direito de matar a família de Siquém?

Defina os muitos níveis de abuso nesta história.

Algum destes abusos é justificado?

Podemos transportar esta história diretamente para a nossa sociedade actual?

“Estás pronto para seres mesmo livre?”

Primeira aos Coríntios

3: 16–17 | O corpo como o templo de Deus

O capítulo três da primeira Carta de São Paulo aos Coríntios começa com uma admoestação contra a divisão. São Paulo deixa claro que se estamos com Cristo, temos de nos comportar como se estivéssemos com Cristo e não sermos apanhados em divisões mesquinhas e paixões relacionadas com as nossas características humanas. Nos versículos 16 e 17, São Paulo eleva este argumento a um nível completamente novo, afirmando que os nossos corpos são templos de Deus, são espaços sagrados, espaços para serem reverenciados. Alguém que abuse de outra pessoa nega o carácter sagrado do corpo dessa pessoa, nega a dignidade humana inerente com a qual fomos criados.

O que podemos aprender sobre a dignidade humana a partir deste texto?

Como é que podemos nós, nas nossas vidas diárias, mostrar o respeito uns pelos outros que este texto implica?

Como pode este texto ajudar pessoas que foram abusadas?

Como pode ajudar-nos a restaurar a dignidade do abusado?

Como pode a nossa comunidade de fé usar um texto como este para curar?

Lucas 15

A ovelha perdida

Esta passagem do evangelho de São Lucas é um bom exemplo de como as pessoas que Deus ama podem ser excluídas simplesmente por causa da categoria em que nós, ou a nossa sociedade, ou a Igreja as coloca.

É “pôr à margem” as pessoas porque elas não correspondem aos nossos níveis de exigência, às nossas regras, não se encaixam no nosso clube. O único problema é que Jesus foi ter com aqueles que eram excluídos e não se misturou com a “multidão de incluídos”. Ao responder aos escribas e fariseus, Jesus afirma de novo o valor e a dignidade inerentes de cada ser humano.

Porque escolheria Jesus comer com pecadores e cobradores de impostos?

Quer isto dizer que Ele também escolheria estar junto dos abusados?

Há alguém com quem Jesus não comeria?

Que implicação tem este texto quando temos em consideração pessoas que foram abusadas?

O que pode a Igreja fazer para incluir os abusados em todos os aspetos do ministério?

Mateus 12: 9-14

É lícito curar no sabat?

Esta passagem é precedida pelos discípulos de Jesus a colherem e comerem cereais no sabat. Jesus é desafiado pelos Fariseus sobre a forma como os Seus discípulos violaram a lei do sabat.

Jesus entra na sinagoga próxima e é desafiado de novo sobre se é lícito curar no sabat. Jesus responde com palavras que são uma constante afirmação de quão profundamente somos amados por Deus e Ele se preocupa connosco.

Nós somos de grande valor para Deus! Fazer o bem é sempre bom, independentemente de quando ou onde.

Mateus 11: 28–30

O meu jugo é fácil

Jesus não diz “Não há jugo!” Jesus diz que o jugo dele é fácil. Um agricultor que coloque o jugo sem cuidado nos bois vai magoá-los e afetar de forma negativa o modo como eles podem carregar a carga, tanto agora como no futuro. Nem todos os fardos que carregamos vêm de Deus. Os fardos podem paralisar-nos, arrastar-nos para a depressão e até afastar-nos de Deus. O fardo que Jesus nos dá é colocado com cuidado e fortalece-nos em vez de nos prejudicar. O abuso nunca é um jugo dado por Deus. É um jugo deste mundo. Jesus diz: “Abandonai o jugo deste mundo e tomai o meu jugo. Vai fortalecer-vos. Foi escolhido com cuidado, colocado com infinito amor.”

Como podemos deixar

Cristo remover ou carregar os nossos fardos neste mundo?

De que forma este texto é útil para estendermos a mão aos abusados?

Como é que isso nos consola?

De que forma usamos isto como uma inspiração nas nossas vidas diárias?

Como podemos diferenciar entre o jugo deste mundo e o jugo que Jesus nos dá?

Como o faz sentir saber o quanto Deus o valoriza?

Qual é a parte magoada que Jesus deseja curar na sua vida?

Como podem as leis da Igreja tornar-se barreiras para sermos completamente aceites tanto na Igreja como nas nossas comunidades?

O que acredita que Deus nos está a dizer através desta passagem sobre

estendermos a mão a todos com amor?

Porque decidiu Jesus quebrar a lei?

O que podiam os líderes da Igreja fazer hoje numa situação similar?

Como pode ser a lei um obstáculo à compaixão?

Reconhecemos situações similares na nossa própria vida?

João 5: 1–15

O homem curado junto ao reservatório de Betsata

Esta passagem relata um dos únicos seis milagres relatados no evangelho de São João. Cada um deles tem um propósito muito específico. Neste milagre, São João conta-nos que Jesus não só tem autoridade sobre o nosso mundo físico, mas também tem autoridade sobre o sábado e qualquer outro dia. Tendo encontrado o homem junto ao reservatório de Betsata, Jesus colocou-lhe uma pergunta que parecia bastante óbvia: o homem tinha passado 38 anos junto do reservatório, mas Jesus pergunta-lhe: “Queres ficar bom?” Às vezes as nossas aflições, os abusos que sofremos, tornaram-se uma parte necessária de quem nos tornámos. Jesus pergunta: “Estás pronto para te libertares? Estás pronto para seres mesmo livre?”

Era culpa do homem ter estado à espera no reservatório por 38 anos?

Ele não acreditava que merecia ser curado?

O que nos diz isto sobre o abuso? É por nossa culpa que não somos curados?

De que forma Jesus quebra o padrão de sempre do homem?

Que padrão na sua vida Jesus quer quebrar?

O Papel da Igreja

Em todo este material, a ênfase foi colocada na dignidade humana. Como é que nós, como Igreja e indivíduos, trabalhamos para proteger a dignidade humana em todos os níveis da sociedade? Como podemos trabalhar para assegurar os direitos de cada pessoa, tanto a nível global como local, especialmente daqueles que são marginalizados e estigmatizados?

Como Corpo de Cristo, somos chamados a viver na unidade e chamados a viver juntos em mútua reconciliação. Este chamamento foi-nos feito diretamente pelo próprio Jesus, como um testemunho partilhado com os seus discípulos na noite em que foi ao Jardim de Getsêmani, antes de morrer na cruz. Na cruz – e ao longo das humilhações antes disso – ele próprio foi estigmatizado por causa do seu compromisso radical de ressuscitar todas as pessoas.

“Assim como o pai me tem amado, eu vos tenho amado, permaneci no meu amor. Se observardes os meus mandamentos, permanecereis no meu amor; tal como eu tenho observado os mandamentos do meu Pai e permaneço no seu amor. Disse-vos estas coisas para que a minha alegria esteja em vós, e a vossa alegria possa ser plena.

Este é o meu mandamento, que vos ameis uns aos outros como eu vos amei. Ninguém tem maior amor do que este: entregar a sua vida pelos seus amigos. Vós sois meus amigos se fizerdes o que vos ordeno. Não mais vos chamo escravos, porque o escravo não sabe o que o seu amo faz; mas tenho-vos chamado amigos,

porque vos dei a conhecer todas as coisas que ouvi do meu Pai. Vós não me escolhestes, mas eu escolhi-vos. E designei-vos para irem e darem fruto, fruto que seja duradouro, para que o Pai vos dê o que quer que seja que pedirdes em meu nome. Dou-vos estes mandamentos para que vos ameis uns aos outros.”

João 15: 9-17,

www.devotions.net/bible/00bible.htm

O que diz este texto sobre o papel da Igreja e de cada indivíduo como parte da comunidade de Cristo?

Em primeiro lugar, diz-nos que somos chamados a viver em amizade uns com os outros, em amor e respeito mútuo. Disto provém uma profunda noção de dignidade humana, porque estamos a dar-nos uns aos outros como dádivas abençoadas por Deus. Cada ser humano, mulher ou homem, rapariga ou rapaz, foi criado à imagem de Deus, carregando desse modo o respeito e a dignidade que fazia parte da sua bênção original, como uma parte integrante do seu ser.

Como parte da criação, carregamos a marca que Deus nos deu, uma espécie de assinatura do original de Deus, um amor inovador. Podia ser chamado de “a assinatura de Cristo”, já que foi Cristo que pronunciou esta bênção original em tudo o que disse e fez, em toda a sua vida como o encarnado Filho de Deus.

O objetivo deste material é enfatizar a necessidade das Igrejas combaterem qualquer forma de abuso, seja dentro ou fora das estruturas da Igreja.

Tentámos, por isso, enfatizar a importância de observar, compreender e proteger a dignidade humana inerente, em todas as circunstâncias e em todas as instâncias da vida.

Tendo trabalhado mais de três décadas a lutar contra o estigma do VIH e SIDA, aprendemos muito. Aprendemos que todas as pessoas que são estigmatizadas devem ser incluídas na Igreja, já que a Igreja é o Corpo de Cristo.

As histórias que partilhámos são exemplos de como o abuso e o desequilíbrio entre géneros pode distorcer a vida e causar grandes dificuldades às pessoas que experienciam o trauma de terem sido abusadas, ou só por fazerem parte de uma sociedade dominada pelo sistema patriarcal. Algumas das histórias estão relacionadas com VIH, outras não. Independentemente do contexto, cada história lança luz sobre importantes questões existenciais.

A hierarquia das Igrejas tem tendência para originar abuso e reafirmar uma cultura em que o desequilíbrio entre géneros é reforçado. Como Igreja, como Corpo de Cristo, temos de trabalhar de forma crítica com a nossa própria estrutura, examinando onde ocorre o abuso e fazendo tudo o que podemos para o prevenir.

Mas mais do que apenas combater o “mal”, também precisamos de afirmar valores positivos. Nos diálogos que conduziram a este material, muitas pessoas expressaram a necessidade de melhores princípios éticos e de mais transparência dentro das estruturas da Igreja e, acima de tudo, a necessidade de desenvolver sistemas de valores mais positivos, que sustentarão comunidades e congregações saudáveis.

Valores e princípios éticos

Os valores são princípios que funcionam como padrões orientadores na vida das pessoas. Eles são os princípios éticos da vida, sustentando a estrutura moral da nossa sociedade. O seu objetivo é moldar e melhorar o nosso comportamento pessoal e social, de forma a produzir pensamentos, atitudes e comportamentos positivos.

Nas nossas Igrejas, temos de estar atentos a estas questões éticas e encontrar formas de agir mais profeticamente nas nossas comunidades de fé e na nossa sociedade – tanto global como localmente. Temos de garantir que estas questões são sempre específicas para o género, que elas descrevem a situação, as consequências e as falhas, já que estão relacionadas com todas as pessoas em todas as camadas da sociedade: mulheres, raparigas, rapazes e homens. É importante manter a imagem da visão profética da Igreja forte.

Como é que fazemos isso?

Nos nossos diálogos, algumas palavras-chave simples foram identificadas como princípios orientadores:

- Igualdade entre mulheres, homens, raparigas e rapazes.
- Direitos iguais para todos.
- Compaixão.
- Amabilidade.
- Liberdade.
- Honestidade.
- Fidelidade.
- Respeito.
- Sabedoria.
- Amor.

Os valores positivos podem contrariar o comportamento abusivo, pois ajudam-nos a mudar a nossa forma de vida e dão-nos uma visão diferente do mundo. Mas mudar valores e comportamentos não é um processo fácil, porque ficamos muitas vezes presos a padrões antigos, tradições, normas culturais, etc.

Quando entramos na luta contra as desigualdades entre géneros, injustiças e abuso, entramos numa luta para a vida – até connosco. Porque, quem não está – de alguma forma – a contribuir para a injustiça, vergonha e desigualdade? Quem não faz, de alguma forma, parte do ridículo que infligimos uns aos outros?

Necessidade de autoexame dentro das estruturas da Igreja

Muitos incidentes envolvendo abuso e desigualdade entre géneros ocorrem dentro das →



→ nossas Igrejas. Temos de nos examinar primeiro, olhando para as estruturas dentro da Igreja e da sociedade que fortalecem essas tendências. Temos de ser suficientemente corajosos para avaliar exemplos de abuso dentro das nossas próprias estruturas da Igreja e desenvolver formas de combater a violência e a desigualdade entre gêneros, bem como as formas mais subtis de abuso que também se apresentam entre nós.

Isto é particularmente importante no que diz respeito à forma como a Igreja trata os jovens e não menos no que diz respeito às questões ligadas à sua sexualidade. Como tornamos possível que os jovens tomem decisões informadas nas suas vidas? Como estabelecemos diálogo com os jovens que se sentem afastados da Igreja? Como é que nos transformamos como Igrejas, de forma a sermos verdadeiros agentes de mudança no dia a dia da vida moderna?

Como Igreja preocupada com a tradição, devemos aderir às nossas raízes e, contudo, estar abertos e sermos flexíveis, de forma a sermos uma Igreja relevante na sociedade moderna.

Assistência pastoral

A vergonha que qualquer pessoa abusada experiencie deve ser falada de forma aberta. Como Igreja, devemos não só oferecer perdão, mas também assistência pastoral sincera e apoio pessoal da comunidade e da congregação.

É uma importante tarefa para o pastor, o conselheiro ou um amigo na congregação ajudar uma pessoa a livrar-se da culpa e da vergonha.

O fardo da vergonha pode impedir-nos de seguir em frente com a nossa vida de uma forma positiva. Nenhuma outra pessoa tem o direito de nos infligir vergonha e culpa e, em oração e diálogo íntimo com Deus, podemos libertar-nos dos nossos fardos. Precisamos muitas vezes do apoio de outras pessoas para nos ajudarem a ultrapassar as nossas dores e as nossas lutas interiores. Como é que formamos redes que permitam este tipo de apoio crucial?

Os assistentes pastorais devem ajudar as pessoas que tenham sido abusadas e estigmatizadas a lidar com os sentimentos de vergonha e culpa – e a libertar-se dos muitos níveis de emoção. Tal como já afirmámos, pode ser difícil distinguir entre pecado, vergonha e culpa.

Na vida e na morte de Cristo, Deus reconciliou todas as pessoas com a sua humanidade. Isto significa que todos fomos libertados daquilo que éramos, na nossa dignidade humana dada por Deus. Quem quer que sejamos, o que quer que aconteça nas nossas vidas, Deus está connosco e ama-nos.

Os assistentes pastorais devem ajudar qualquer pessoa que tenha sido abusada a

lidar com os sentimentos de culpa, vergonha e censura. Um genuíno sentimento de culpa conduz a uma necessidade de perdão, uma necessidade de viver sem a culpa a ensombrar todo o resto da sua vida. Ter um coração que perdoa permite-nos viver a vida na sua total capacidade, viver a vida de acordo com o verdadeiro chamamento de Deus. Mas atingir este nível de reconciliação interior leva tempo e, em muitos casos, será um processo de toda uma vida.

A Igreja como uma comunidade compassiva

A Igreja, pela sua natureza e ensinamentos, é uma comunidade compassiva e deve intervir para aliviar as necessidades humanas. A Igreja – como Corpo de Cristo – é chamada a ser corajosa e diferente. A Igreja é a representante de Jesus Cristo ao encorajar a assistência, amor e compaixão aos marginalizados, assumindo a responsabilidade, falando a verdade e vivendo como a luz do mundo (Mateus 5: 13-16).

É importante que a Igreja, como uma compassiva comunidade cristã, dê apoio moral a todos os grupos de pessoas marginalizadas na sociedade. Cada um de nós deve ser ajudado a ver-se aos olhos de Deus, merecedor de dignidade humana.

A necessidade da comunidade de fé criar um ambiente em que aqueles que estão traumatizados possam encontrar ajuda e cura é →



→ indispensável. A Igreja tem de criar um ambiente que proteja a vida e dê poder a todas as pessoas para lutarem contra todas as formas de vitimização.

A Igreja, como uma comunidade cristã, deve desempenhar um papel vital para os grupos de pessoas marginalizadas na sociedade. Em vez de trocar, evitar e estigmatizar as pessoas, precisamos de colocar o evangelho em ação. Isto exige solidariedade concreta e uma genuína afirmação de que todas as pessoas na Terra fazem parte da comunidade de Cristo, e são convidadas para a sociedade do amor, assistência e reconciliação.

Unidade em Cristo

Como Igreja, como “Um Só Corpo”, devemos ser capazes de oferecer apoio e ajuda aos grupos vulneráveis e àqueles que são afetados e estão envolvidos em situações de abuso, violência e injustiça. E devemos ser capazes de nos ajudarmos uns aos outros na luta contra

estas tendências, mesmo quando elas fazem parte do nosso coração.

Sejamos “Um Só Corpo”, unido em Cristo, neste muito delicado processo!

“Peço, não apenas em nome destes, mas também em nome daqueles que não de acreditar em mim por intermédio da palavra deles, a fim de que todos sejam um. Assim como tu, Pai, estás em união comigo e eu estou em união contigo, para que eles também estejam em união conosco, para que o mundo acredite que me enviaste. A glória que me deste a mim, também eu lhes tenho dado, a fim de que sejam só um, assim como nós somos um, eu em união com eles e tu em união comigo, a fim de que sejam completamente um só, para que o mundo saiba que tu me enviaste e os amastes assim como me amaste a mim.”

João 17: 20-23



Editores:
Rev Elisabeth Knox-Seith e
Rev Reuben Daka

Publicado por:
The Nordic-FOCCISA
Church Cooperation

**FOCCISA Health
Justice Network
(Rede de Justiça e
Saúde FOCCISA):**
Pearson Banda,
Diretor Executivo e
Rev. Dr. Osborne
Jodah-Mbewe,
Presidente do Conselho.
home.fhjn.org

**Conselho Cristão
da Noruega:**
Knut Refsdal,
Secretário-Geral e
Irene Wenaas Holte,
Consultora Sênior
Um Só Corpo.
www.norkr.no

Fotografia: Ulrik Jantzen,
Das Büro, Copenhaga
Conceção: Kristoffer
Nilsen, Cidade de
Guatemala, Guatemala
Fontes: Helvetica Neue
e Nimrod
Impressão: Shereno
printers, Joanesburgo,
África do Sul.

**Gostaríamos
de agradecer aos**
Conselhos Cristãos
na África Austral;
Tanzânia, Maláui, Zâmbia,
Botswana, Namíbia,
Zimbabwe, Moçambique,
Suazilândia, Lesoto,
África do Sul e Angola,
e aos Conselhos Cristãos
na região nórdica: Suécia,
Dinamarca, Noruega,
Finlândia e Islândia.

ISBN:
978-82-7941-036-2

© Christian Council of Norway, 2014



“Somos **um só corpo** 
em união com Cristo”
Rom 5:8